

COLETIVO PERIFERIA PRETA

ENTREVISTADAS:	Thiago Félix da Silva Thaís Oliveira Silva Cássia Gomes da Silva (Cássia Caneco)
Localização da atividade:	Espaço Cultural Periferia Preta Jd. Sapopemba
Área de Atuação:	Espaço Cultural Independente com ênfase em questões LGBTQIA+ e questões raciais
Data da entrevista:	11/09/2020
Entrevistadores:	Nísia Oliveira e Renata Eleutério – CPDOC Guaianás

BREVE DESCRIÇÃO

Ação proposta por moradoras do bairro, agentes culturais do Ponto de Cultura Fazenda da Juta e produtoras culturais da região de Sapopemba – tem como missão propositar circunstâncias onde a gente preta consiga se enxergar potente e capaz de significativas transformações sociais. Como ferramenta para difusão desta representatividade necessária, utilizamos em nossas ações variadas linguagens artísticas onde as pessoas pretas e periféricas sejam protagonistas. Organizam o Festival Periferia Preta.

ENTREVISTADO:

THIAGO FÉLIX DA SILVA

ENTREVISTA TRANSCRITA:

Nísia CPDOC Guaianás – Quantos anos você têm Thiago?

Thiago Periferia Preta – Trinta e dois!

Nísia CPDOC Guaianás – Trinta de dois! Seu nome completo?

Thiago Periferia Preta – Thiago Félix da Silva!

Nísia CPDOC Guaianás – E sua trajetória até chega no Periferia Preta? Se é tão...

Thiago Periferia Preta – Já começou?

Nísia CPDOC Guaianás – Vai falando aí...

Thiago Periferia Preta – Como eu comecei a trajetória até chegar na Periferia Preta?

Nísia CPDOC Guaianás – É! Uma prévia assim, só pra gente saber quem é o Thiago. Como é que você chegou nesse espaço aqui?

Thiago Periferia Preta – Eu costumo falar que eu sou filho das políticas públicas. Então, eu comecei a fazer teatro com 17 anos, um teatro convencional em parceria com a prefeitura, né. Enfim, tinha vontade de ser ator, de ser artista e comecei a fazer teatro com 17 anos. Aí depois

entrei na Escola Livre de Teatro aos 23 [anos]. Na Escola Livre de Teatro conheci essa galera. Não sei se estou resumindo muito, mas é assim. Conheci essa galera e aí, enfim, eu conheci essa galera na Escola Livre de Teatro. A Thaís, que a gente falou antes, estava tentando entrar na escola quando eu estava lá. Enfim, fiquei amigo delas e elas são amigas do meu companheiro. Eu já fazia mil outras coisas e ações e elas me convidaram para dirigir um projeto – pensar e dirigir um projeto aqui na Juta. Eu não sou da Juta, né. Eu sou estrangeiro. Sou do Grajaú, nascido e criado no Grajaú, Zona Sul. Enfim, eu estava começando essa relação amorosa, e aí eu aceitei esse convite porque tenho uma pesquisa com homossexualidade e gênero. E aí aceitei esse convite e a gente ganhou o VAI 2, fiz esse projeto aqui. E assim comecei a trabalhar com essas pessoas. Resumidamente!

Particpei da criação da primeira edição do Periferia Preta, do primeiro festival em 2015. Depois me distancio de todas e foi o mesmo ano que eu coordenei esse projeto sobre gênero. Aí me distanciei de todas elas por conta dos meus trabalhos, porque eu também sou produtor de artistas da música. E aí ano passado estava eu querendo abrir esse espaço aqui já um tempo com o projeto gay. É... Enfim, tava pensando um festival LGBT. Estava fomentando essa ideia do festival LGBT, troquei essa ideia com elas e elas falaram “a gente já tem um festival” que é o Periferia Preta. O Periferia Preta trabalha a linguagem com esse recorte da negritude, né. E estava pensando esse recorte LGBT. Vamos juntar forças e fazer disso, né, como o festival ainda não tinha essa força nas questões LGBT, vamos pensar junto todos os recortes. E a gente se juntou, fez o projeto pro fomento, basicamente, muito resumido (risos)

Nísia CPDOC Guaianás – Juta é um coletivo e o Periferia Preta é o festival?

Thiago Periferia Preta – Não, Fazenda da Juta é o nosso bairro.

Nísia CPDOC Guaianás – Ah, tá!

Thiago Periferia Preta – Que é próximo daqui! É que aqui já não é mais Fazenda da Juta, está mais próximo da avenida. Mais Fazenda da Juta é o nosso bairro que é tipo 15 minutos andando. Que é onde a gente atua mesmo, onde a gente sempre fez, onde sempre aconteceu festival e todas as ações é... individuais e coletivas. Periferia Preta é um coletivo e é o festival e agora é o espaço cultural. Tudo isso é o Periferia Preta!

Nísia CPDOC Guaianás – Então a sua chegada aqui você se muda de bairro, é isso?

Thiago Periferia Preta – Isso! Eu me mudei pra cá em 2015! Foi no meio do projeto que eu estava coordenando, eu me mudei pra cá e estou aqui até hoje. Eu continuo casado com um

rapaz daqui. Por conta disso que eu vim morar aqui, porque ele sempre cresceu aqui com elas, inclusive, aí eu vim...

Nísia CPDOC Guaianás – E assim, qual o perfil do coletivo? Né, da coletiva? O que vocês fazem além de promover o festival? Você também atua como ator aqui? Como é que é?

Thiago Periferia Preta – Não, aqui eu sou produtor cultural mesmo, gestor desse espaço aqui com elas. Ó, o festival... O coletivo, quando ele nasce, ele nasce antes de 2015, em 2013, né. Ele nasce com elas pensando em produzir coisas na quebrada. Em 2015 elas começaram a pensar... até tinha os encontros que chamava-se “Se encontra”, na época, é... elas começaram a pensar um festival porque elas sentiam a necessidade de um festival aqui. Que é quando eu ajudo a pensar em 2015, né. E aí a gente criou esse festival... antes era só a ideia do festival, todo mês de novembro acontecia o festival. Só que como a gente já faz muitas coisas individualmente, todas as vezes que a gente faz, por exemplo, eu trabalho com sexualidade e gênero, a gente vai trazendo para a periferia preta, sabe. São arte educadores, então, a gente acaba abarcando várias linguagens e ações. É... quando eu pensei sexualidade com o meu outro coletivo, que era o Zoom, era uma parte dessas pessoas também. Aí é uma parte arte educadora. Então, a gente tá nesse momento com o espaço físico tentando pensar arte e educação, pensar essas linguagens da sexualidade, da raça, de classe social. O espaço chama Periferia Preta, espaço de artes pretas periféricas, LGBTQIA+. Então, a gente está tentando fazer todos esses recortes e trazer outros fazedores para criar aquilo junto com a gente, ainda por cima por conta da pandemia, né. Mas a ideia é que esse espaço seja um espaço efervescente de criação e de troca entre coletivos. Essa da nossa região. Então já tem bastante artista que está afim de vir e a gente não pode abrir, porque a gente tem essas conexões individuais e coletivas. Não sei se eu te respondi.

Nísia CPDOC Guaianás – Perfeito! Muito nós...

Thiago Periferia Preta – ... o pensamento meio confuso (risos).

Nísia CPDOC Guaianás – Não, tá ótimo! E o que eu ia te falar... Então, vocês trabalham já com parcerias também com outros coletivos?

Thiago Periferia Preta – Com outros coletivos e artistas daqui mesmo!

Nísia CPDOC Guaianás – E aí dos coletivos mais variados?

Thiago Periferia Preta – Mais variados! Tem coletivo de fotografia, coletivo de dança, coletivo de teatro... E esses coletivos e essas artistas da quebrada, da Fazenda da Juta, elas sempre somaram juntas no Periferia Preta Festival, porque somos seis hoje, que é o núcleo fixo, mas quando chega o festival é uma galera gigante que faz o festival acontecer, na produção, por

exemplo. Uma galera enorme. A gente se reuniu nesse núcleo pra pensar o espaço, mobilizar, mas desde o início é sempre muita gente. Chega novembro esse coletivo vira...

Nísia CPDOC Guaianás – Então, 2013 você fala que surge, né, o Periferia Preta?

Thiago Periferia Preta – Surge essa... esse encontro entre elas, eu não tava ainda. Mas surge esse encontro entre elas pra pensar ações para a Fazenda da Juta. Aí eu venho em 2015 e ajudo a pensar o festival, que aí é a primeira edição. A gente tá agora em 2020 é a quinta edição que a gente vai fazer. Aí a gente fez juntas a primeira edição em 2015, sem patrocínio e sem nada. Aí por sorte eu já era arte-educador aqui na Juta, em 2015, a gente pediu o espaço emprestado de uma das ONG's da Juta, fizemos o festival e aí quando eu sai elas conseguiram o VAI já algumas vezes, pra fazer o festival. Já fez de novo sem dinheiro e esse ano nós vamos fazer com o Fomento.

Nísia CPDOC Guaianás – Como vocês se organizam assim? Como que é o processo do festival? Começam, sei lá, no começo do ano? Como é a organização que vocês pensam pro festival em si?

Thiago Periferia Preta – Como eu tô voltando agora, tô entendendo isso também. Mas em 2015 falei assim “ah, vamos fazer o festival”, “vamos!”, “mas não temos dinheiro”, “a gente conhece artistas”. Então, a gente começou a chamar a galera. A primeira edição teve “Alin” que é nossa amiga, “Além da quebrada” que é minha artista também que eu faço a direção de câmera dela, na época eu nem fazia ainda, ainda estava se lançando. Teve gente do bairro, que é minha outra artista. Então, a gente foi chamando... Aí teve essas e uma galera que a gente chamou, que a gente conhecia. E fez! Esse ano, como a gente tá indo mais estruturado e com mais experiência, inclusive, na produção, a gente tá entendendo qual é o lugar de cada grupo. Como cada uma pode auxiliar. Que é isso: essa junção é muito nova dentro do espaço e a gente não sabe o que vem e como cada uma vai contribuir. A gente tá pensando, inclusive nesse momento, a gente tá pensando qual é conceito desse ano. Pensando no contexto da pandemia, e igual... todo ano elas fazem... fizeram uma questão temática, por exemplo. Ano passado o conceito era trabalhar a ancestralidade e o futuro e o presente. Não tinha... Toda a programação foi pensada entre passado, presente e futuro. Esse ano, a gente como tá na pandemia, a nossa questão é: a gente ouviu o ano inteiro “fique em casa!”, né. O que a casa representa para as pessoas? Porque casa pra mim é uma coisa, eu posso ficar em casa sem muitas crises, mas tem gente que sofre violência, tem gente que não tem casa. Então, talvez o festival esse ano vai permear esse conceito “o que é a casa para as pessoas”, o que é ficar em casa, inclusive. Quem tem direito de ficar em casa, por exemplo?

E também adaptar esse festival pra esse momento, que é a nossa grande discussão. Ah, gente, o festival é físico e ele é no meio da quebrada, as minas põe o palco no meio da quebrada e faz. Esse ano a gente não vai poder fazer. E a ideia nesse ano era fazer no meio da quebrada e aqui dentro, mas não vai rolar. Então, a gente vai ter que adaptar ao digital. Uma disputa do território também digital. Então, a gente tá entendendo esse conceito desse ano e como cada uma, dentro do saber de cada uma, vai atuar. Eu tenho uma ligação muito com a música e com as questões LGBT's. A outra pessoa tem muito uma ligação com a arte e educação e tem interesses, inclusive, de trazer debates que permeiam esse lugar. Então, a gente tá descobrindo o que cada uma vai colocar dentro desse conceito todo.

Nísia CPDOC Guaianás – Legal!

Thiago Periferia Preta – Ele foi pensado para novembro! Já aconteceu fora de novembro por conta do VAI, por exemplo, questão de dinheiro, de verba pública. Ano passado... Ano passado não! Ano retrasado que antes, mas ele é pensado para o mês de novembro.

Nísia CPDOC Guaianás – Entendi! Se você pensar assim: “é o momento de ápice” desse coletivo, dessa coletividade, de você pensar um momento de ápice.

Thiago Periferia Preta – Acho que agora!

Nísia CPDOC Guaianás – É?

Thiago Periferia Preta – Eu acho! Porque é um momento que a gente tá realizando um sonho que é ter esse espaço físico. E é muito novo e amedrontador pra todas nós ter esse espaço. Amedrontador no lugar eu fico pintando essa parede e pensando “olha, eu não quero...”, porque a gente tem verba até dezembro de 2021. Eu fico pintando a parede e pensando como eu vou fazer pra ter dinheiro em janeiro de 2022? Pra não fechar esse espaço, pra manter esse espaço aberto, sabe. Eu fico pintando e pensando nas pessoas habitando esse espaço, criando esse espaço. E a gente está vivendo isso no meio de uma pandemia, tendo esse espaço no momento em que a cultura está super fraturada, já sempre foi. Mas está super desgastada, a gente está...né, os artistas são zero valorizados nesse momento, com esse governo horroroso. Aí no meio de tudo isso a gente está conseguindo construir um espaço que a gente quer entregar para as pessoas transformarem no viver. Então, eu fico até emocionado porquê..., é um momento tão difícil e ao mesmo tempo a gente tá conseguindo construir isso... eu acho que esse é o ápice para todas nós! Ou talvez o ápice será quando estiver cheio de gente!

Eu acho que o Periferia Preta me mantém conectado com o lugar de onde eu vim. Costumo falar isso para as meninas. Porque nos últimos anos, por conta do meu trabalho, eu fui acessando muitos lugares é que antes... que nos são negados até hoje, inclusive. Espaços de atuação, outros países né, e não, não, não. E o Periferia Preta é onde eu mantenho os pés no chão pra saber de onde eu venho, quem eu sou e porque que eu tô fazendo o que tô fazendo. Então, é aqui que eu me reabasteço enquanto artista, enquanto fazedor de cultura e de arte, né, enquanto produtor. Acho que é isso que o Periferia Preta me dá. E o que eu acho que eu entrego é essa experiência que eu ganho em outros lugares e eu trago tudo pra cá. Conexões! Conexões com muitos outros lugares que a gente conseguiu se manter, inclusive.

O Periferia Preta ele tem uma atuação muito forte com a juventude. Desde de que quando eu pensei junto com as meninas o projeto sexualidade, a gente tem uma atuação forte com adolescentes. E hoje esses adolescentes, por exemplo, que eu conheci em 2015 já nessa atuação, hoje já estão adultos maiores de 18 anos. E ver quanto isso transformou, eles terem passado pelas nossas ações e transformaram, alguns são artistas outros se tornaram educadores, sabe? Acho que tá nesse lugar, nesse impacto. Assim, é o mais próximo que eu posso dizer nesse momento. Enquanto eu tenho visto essa juventude se transformando e criando também, porque agora eles são completamente independentes e criam outras coisas muito malucas e eu falo “nossa!” E eles mesmos falam também muito “ah, aprendi muito com vocês”, pelos projetos que vocês fizeram. Então acho que está nesse lugar mesmo de dar outras possibilidades, assim como eu tive outras possibilidades de existir. Eu acho que a gente tenta dar e tem feito e dado outras possibilidades de existência para esses jovens. Principalmente LGBT’s.

Thiago Periferia Preta – Então, acho que nesse momento a gente tem discutido muito o quê fazer nesse momento, assim como eu falei do festival. A gente tem um laço muito forte mesmo, principalmente com a juventude do bairro. E... A... O coletivo nunca teve uma atuação muito forte, por exemplo, na Internet. Por mais que a gente tenha um trabalho muito legal aqui dentro, poucas pessoas conhecem o Periferia Preta ainda. Eu acho que nesse momento a gente está, pelo menos como eu trato disso, é disputar... a gente fala muito de disputar territórios, físicos. Eu acho que a gente tá no momento de disputar território digital. E aí a gente discute isso e eu trago muito que se a gente quer se manter enquanto espaço cultural a gente precisa fazer com que as pessoas conheçam esse espaço para além da nossa comunidade. Então, eu acho que o momento que a gente tá vivendo é vamos mostrar nossas ações pro mundo, até essa parceria

com o SESC pra dar essa entrevista, e fazer ponte com o próprio SESC. O SESC precisa conhecer esse espaço, sabe. Eu já propus uma programação conjunta em novembro, porque isso é pra alimenta que esse lugar continue vivo e continue servindo a quem a gente serve, sabe, a quem a gente se alia. É... eu acho que é esse o momento que a gente está vivendo que é o de expandir parcerias. Ah, é o SESC, é um marca, vamos pensar para... ah, eu vou falar com a Companhia das Letra para fazer a nossa biblioteca, porque a gente quer fazer uma biblioteca, já contaram, né. Então, ah eu tenho conexão com a Companhia das Letras, esse é o momento, que quero que a Companhia das Letras conheça o Periferia Preta e traga o seu acervo de autoras pretas, o acervo da Djamilia eu quero aqui, sabe. Então, é um momento de expansão de parcerias. Esse é uma coisa.

Agora de se reinventar, a gente tá fazendo... a gente fez uma live. A programação que a gente tinha esse ano não era tão extensa, antes do festival. O pouco que tinha a gente adaptou pro festival. A gente fez uma primeira live que discutiu sobre essas possibilidades de futuro, que foi com a Ana Menezes, não sei se vocês conhecem, que é incrível um trabalho incrível com a própria Jumpi, e com a Ana Gisa que é curadora de um festival chamado “Marcha”, que está super adaptada ao digital. Então, a gente discutiu essas questões de como cada um tá entendendo esse momento presente e quais as possibilidades que a gente vai ter pra esse recorte raça, sexualidade e gênero pro futuro. A gente fez pelos nossos canais e a gente tá tentando aumentar nossa expansão e os nossos canais.

O festival acho que vai ser o grande momento da gente se reinventar mesmo. Porque não vai dar pra fazer físico, não vai dar pra ter um monte de gente, então, o quê que a gente vai fazer? E que dá pra fazer? E com quem dá pra fazer? Acho que o nosso grande teste ainda vai chegar (risos).

Thiago Periferia Preta – Ah, tem uma coisa que a gente fez adaptada que seria o porvir, que você falou e eu lembrei, a gente tinha uma consultoria nesse projeto, a gente tinha que fazer uma consultoria, assim como produção cultural. Porque tem uma coisa também: a gente é muito autodidata, todas nós. A gente aprendeu fazendo! Festival, a gente teve a ideia foi lá e fez. Nenhuma passou por um curso específico. Fora eu que fiz universidade também, tive esse acesso de fazer uma universidade não pública, mas bolsista pelo PROUNI, por isso que eu falo que sou filho das políticas públicas, porque eu aproveito todas elas. É... E a gente aprendeu fazendo. Então, a gente quando tava pensando o fomento, a gente falou “a gente precisa

sistematizar esse conhecimento de alguma forma ou ter alguém que nos ajude a como se organizar”. Aí a gente teve uma consultoria que era física e ia ser aberta e a gente acabou fazendo só pro coletivo, com a Ciça Pereira que é uma produtora cultural super incrível, e ela trouxe muito esse questionamento “o quê que a gente quer para o futuro?” E a gente fez um plano pra daqui a cinco anos o que vai ser o Periferia Preta. Uma das coisas é que a gente vai alugar o espaço de baixo (risos). Que é... o espaço de baixo é um grande salão, a gente quer esse espaço pra fazer festas e fazer apresentação de teatro maior, dança, então, a gente já tá aqui pensando embaixo “vai que tá alugado já”. Então a gente “não, deixa eles alugarem, eles arrumam, a gente ajuda a trazer o público deles pra cá”, mas a gente quer um coisa é expandir, fisicamente falando.

Pra além do físico é ser referência no nosso bairro! Eu acho que pra algumas pessoas nós somos, em atuação. Mas eu quero que o mundo conheça esse espaço. E quero que as pessoas... eu quero... aí estou falando de mim, não vou falar nem tão no coletivo, mas eu quero... assim como a gente consegue trazer o nosso entorno nesse lugar, eu quero que, por exemplo, o festival esteja no mapa dos festivais no Brasil, que as pessoas reconheçam esse festival como um dos mais importantes festivais no Brasil, que acontece aqui dentro, eu não quero ir pro centro. Eu quero que aconteça aqui dentro e que as pessoas venham pra cá e que invistam inclusive financeiramente nesse espaço e nesse bairro. Eu acho que é isso... Eu só estou um pouco pensando alto... Mas é isso, eu tô há anos pensando nesse lugar físico e agora aconteceu. Então, acho que pro futuro é isso eu quero que seja uma referência para as pessoas, enfim, é isso!

Thiago Periferia Preta – Eu acho que a gente sempre tá, a gente tava discutindo inclusive agora sobre isso. A gente sempre tem e está nesses momentos de dificuldades. Todas são de muitas lascadas, né, e de trajetórias muito difíceis. Até pra pensar inclusive o conceito do festival como perpassa esse lugar da casa, esse lugar da casa ainda é muito também pessoal. A gente viveu um momento de expor feridas, inclusive, pra entender o quê a gente pode fazer de transformação pra fora com as outras, sabe, como essas feridas se tornam algo de interesse coletivo. A gente está sempre passando por momentos difíceis.

Teve uma das liderança que ela deu positivo, mas não teve absolutamente nada. Então, a gente sabe que tem o falso positivo, não sei o quê. Que a gente começou a se encontrar faz pouco tempo de novo, né. Começou a pandemia a gente parou de se ver. Começou a quarentena a

gente parou de se ver. Voltou assim agora porque a prefeitura autorizou a reforma comum do espaço. Mas, nesse período, uma das integrantes ela deu positivo, mas estava super trancada também, não teve absolutamente nada, nenhuma reação. Foi de boa. Meus familiares não, eu também não tive ninguém. Achei que eu estava com o corona no mês passado, fiz aquele PCR no posto, não tive. Já fiz três exames do mês passado até agora. Que também esse desespero, eu nunca fico doente, é muito raro eu ficar doente. Eu fiquei gripado e eu falei “tô com o corona, vou morrer, eu vou morrer, eu vou morrer” (risos). Corri pro hospital, fiz os exames e vi que não tinha nada.

Thiago Periferia Preta – Então, a gente tem, tem discutido, inclusive, na proposta de decoração do espaço uma proposta de trazer a memória física pro lugar. Não só, por exemplo, o que já aconteceu, trazer as fotos, a gente quer fazer uma parede só do projeto, nesse lugar aqui, a gente quer fazer uma parede com todas as fotos das edições anteriores. A gente quer fazer quadros com os cartazes das cinco edições. Esse lugar da memória física. Mas tem, a gente tem essa preocupação sim! Tanto quando elas pensam ano passado pensar... é que a memória pra mim vai além do festival, para além do coletivo. A gente tem resgatado a memória da nossa ancestralidade, sabe. Como que a gente... Quem fez o que fez pra gente poder abrir esse espaço hoje. Porque, por exemplo, a Lei de Fomento, que nós estamos contempladas, ela parte de uma luta, de uma classe, e a gente precisa valorizar isso. Então, a gente fica pensando em como trazer, porque a gente se beneficia hoje do fomento porque alguém lutou pra ele existir. Então, como a gente pode nas nossas ações criar e trazer essa discussão de quem fez esse lance ser aprovado lá. Porque não é uma benevolência do Estado o fomento existir, o VAI, o PROUNI e qualquer outra coisa. Então, a gente ainda está pensando em como trazer essa memória pra discussão, da memória física e de como a gente instala elas nessas paredes. A gente tem outro projeto do “corredor” e de artista também destes... do bairro, como a gente pode trazer artistas pra criar obras pra cá, sabe, ao invés de contar obra de um artista desconhecido, como os artistas do bairro, das artes plásticas mesmo, podem chegar e montar um busto de uma travesti preta espartilho, sei lá, sabe.

No festival ano passado teve uma coisa que as meninas fizeram que eu achei bem bacana. O bairro tem uma questão muito forte com o movimento de moradia. É uma história intrínseca a história das meninas, inclusive, que cresceram aqui. É... E aí ano passado elas fizeram uma homenagem a uma das senhoras, muito senhorinha, que é quando se discutiu a passada elas

trouxeram a história dessa senhora para o festival. Essa senhora era a cara dos cartazes, sabe, de valorizar essas figuras que, inclusive, ninguém conhece, ninguém sabe a não ser aquele grupo que lutou por aqueles prédios. Então, a gente sempre tá contando essa história pra cá.

Nísia CPDOC Guaianás – Thiago: tem alguma coisa que você, algum objeto que você falaria “nossa, esse eu vou guardar no museu da nossa memória”? Se a gente fosse mandar pra um museu pra deixar no espaço mesmo?

Thiago Periferia Preta – Um objeto? Não tem por enquanto. Talvez os cartazes! A ideia dos cartazes foi bem produzida. Os cartazes são lindos. O ano passado... É que não tem como te mostrar. Tenho no instagram, te mostro depois. Os cartazes são lindos, são lindos! Talvez isso pra lembrar de todas essas versões! Isso vai para o acervo, com certeza. Ah, é, tem um cartaz bem aqui já!

Nísia CPDOC Guaianás – É, a gente vai ver! Thiago: tem alguma coisa que eu não perguntei que você gostaria de falar?

Thiago Periferia Preta – Não... Acho que não! É que eu tô nervoso não sei o que pensar. Mas acho que não! Acho que é isso!

Thiago Periferia Preta – Estou muito feliz na verdade desse momento que a gente tá vivendo, talvez seja só isso mesmo. Eu fico pintando essas paredes e pensando as preocupação financeiras do futuro, mas o quanto isso pode ser muito rico pra gente mesmo, pra gente enquanto bairro.

Renata CPDOC Guaianás – Que ONG que é essa?

Thiago Periferia Preta – Chama União da Juta!

Thiago Periferia Preta – A ONG se chama União da Juta. Ela fica lá dentro do centrinho da Fazenda da Juta e ela tem uma ligação, inclusive, muito forte com a nossa história e talvez as meninas possam contar melhor porque elas viveram isso mais do que eu. Mas antes da gente já ter esse espaço as meninas foram contempladas pela... ah, como é mesmo o nome da lei... que podia abrir ponto de cultura?

Renata CPDOC Guaianás – Lei Cultura Viva!

Thiago Periferia Preta – Isso, só que na época tinha que ser pessoa jurídica e a gente ainda não é, né. Então, essa União da Juta ajudou, mas enfim, uma instituição, ONG, né, ligada à igreja ainda a gente tentou e não deu muito certo. Mas a gente fazia nessa ONG e todas já passaram e deram aula nessa ONG. Todas nós! Então, eu dava aula nessa ONG nessa época!

Thiago Periferia Preta – Eu fiz comunicação institucional, fiz em 2000... me formei em 2008 pelo PROUNI, eu era bolsista 100% e era na antiga UNIBAN, acho que nem existe mais né. Acho que a UNIP comprou né...

Thiago Periferia Preta – Tem o São Mateus em Movimento; o Coletivo Vi Zoom, que embora boa parte esteja aqui, mas é também um coletivo que atuou muitos anos aqui na Fazenda da Juta. Ah quem mais... Tem o Corpos Marginais, que é de dança. Aí tem pessoas, muito importantes. Meu próprio companheiro é um artista que atua aqui muito tempo, o Diogo, a Ariane que é um artista plástica. A Laís, que agora está super envolvida nas questões mais sociais, mais da militância. Ah, tem muita gente! (Risos).

ENTREVISTADA:

THAÍS OLIVEIRA SILVA

ENTREVISTA TRANSCRITA:

Nísia CPDOC – Seu nome completo?

Thaís Periferia Preta – Thaís Oliveira Silva!

Nísia CPDOC – Você está com quantos anos?

Thaís Periferia Preta – Vinte e sete!

Nísia CPDOC – Ah, que maravilha! (Risos).

Thaís Periferia Preta – Vou fazer vinte e oito em novembro! Eu sou uma pessoa escorpiana...

Nísia CPDOC – Nossa!

Thaís Periferia Preta – ... em novembro eu faço vinte e oito!

Nísia CPDOC – E essa ligação religiosa, né, sua ancestralidade ela se deu a partir do coletivo ou não? Ou é também o contrário?

Thaís Periferia Preta – Olha, a espiritualidade pra mim e a ação coletiva é muito próxima assim. Começou anterior, né, porque minha mãe é uma bruxona e minha mãe está aqui, inclusive. Ela é uma bruxona então ela sempre deu a possibilidade da gente investigar a espiritualidade para além do tempo, né, para além da igreja, para além do espaço físico. Então, a espiritualidade sempre esteve presente comigo. Só que eu sempre fui uma pessoa da comunidade, do bairro. Sempre tinha muitas igrejas, né, a partir das igrejas católicas que a gente foi entendendo quais ações culturais que a gente podia fazer no bairro. Aí foi surgindo os

coletivos, foi surgindo a vontade de mobilizar o bairro. Mas a espiritualidade e a vontade de fazer alguma coisa, a vontade de fazer algo social, da gente mobilizar o bairro, mobilizar as pessoas, elas... pra mim caminham muito juntas assim! Que faz sentido, né? Acredito que a espiritualidade é aquilo que nos move aquilo que nos faz ter vontade pra continuar, vontade de levantar e o coletivo e a ação que eu faço no bairro, o que nós fazemos na verdade no bairro, com crianças, idosos, jovens faz sentido pra mim. Então, é por isso que eu vejo a semelhança de uma coisa da outra.

Olha, eu fiz teatro num centro cultural comunitário no meu bairro, que a gente mora aqui na Juta, é bem pertinho daqui, né, de Sapopemba. E eu cresci lá, cheguei da Bahia com 5 anos na Juta e nunca mais sai. E tem o centro comunitário que chama... antes era centro comunitário, hoje é um centro de crianças e adolescentes, que faz ações comunitárias para crianças em contra turno [escolar]. Eu comecei com 7 anos fazendo aulas lá no centro comunitário e depois eu fui pra um centro cultural do bairro também que era tipo uma etapa mais, não é, uma escadinha. Além das aulas comunitárias eu fui pro centro cultural que era mais especializado. Aí eu tive aula, eram todos os dias aulas de teatro. Aí eu fui crescendo e acho que fiquei lá até uns 15 [anos]. Estudei ensino médio e depois eu resolvi fazer alguma coisa profissionalmente e tal. Mas vem de muito nova essa... fazer teatro.

Nísia CPDOC – Dos cinco anos?

Thaís Periferia Preta – Cinco anos!

Nísia CPDOC – Você veio de que cidade da Bahia?

Thaís Periferia Preta – Vitória da Conquista!

Nísia CPDOC – Olha, eu conheço!

Thaís Periferia Preta – Conhece?

Nísia CPDOC – Sou de Sergipe!

Thaís Periferia Preta – É a parte fria da Bahia! (Risos)

Nísia CPDOC – Perto de Salvador ali, né!

Thaís Periferia Preta – Não, é mais perto de Minas Gerais!

Nísia CPDOC – Ah, não, é Vitória, né! Mas é que passa o ônibus, passava o ônibus pra Sergipe ali, né, Vitória da Conquista. Que bacana então, você chega com 5 anos e já vai fazer teatro?

Thaís Periferia Preta – Eu já vou porque é isso minha mãe solo, né, a minha mãe... eu tenho... a minha mãe tinha eu e a minha irmã, trabalhando, então tinha que colocar a gente em outros lugares pra ocupar o contra turno escolar, né. Tá na escola e no outro horário tinha que estar em

algum lugar. E a Juta ela tem muitas ONG's assim, as ONG's sociais da assistência social. Aí a gente, minha mãe colocou a gente nesses serviços e lá tinha várias possibilidades. Eu sempre tive vontade de... eu gosto de me comunicar, eu gosto de atuar e fingir ser outras pessoas. Acho que eu sonho muito em pensar outras possibilidades, né, do corpo. Qual a possibilidade que meu corpo pode ocupar nesse mundo. Acho que vem de um sonho, mas faz muito sentido hoje porque é explorar, a partir do corpo, explorar a possibilidade de existir, né, acho que é isso!

Nísia CPDOC – Que bacana!

Thaís Periferia Preta – Meus personagens dão possibilidades da gente olhar com outros olhos, pensar com outra lógica

Nísia CPDOC – Então foi o teatro que te trouxe para a Periferia Preta? Como que foi essa chegada?

Thaís Periferia Preta – Olha...

Nísia CPDOC – Na coletiva Periferia Preta?

Thaís Periferia Preta – A gente se chama de agitadores culturais! Nós somos agitadores! Então, no bairro a gente sempre falta, como é um bairro periférico, sente a deficiência de muitas coisas, principalmente do olhar do poder público, né. Então de falta de espaços de lazer, falta de espaços de cultura, então a gente se organizou, se uniu, a partir de amigos. Amigos artistas da dança, produção cultural, música, teatro e se unimos e pensamos como que a gente poderia, a partir das vivências que a gente teve fora em escolas, faculdades, trazer a... trazer de volta pra comunidade, né. Então, a gente se uniu e pensamos “ah, vamos fazer um grande evento! Vamos ocupar uma rua e deixar a molecada brincar, trazer uma galera pra cantar”. Então, a Periferia Preta começou daí de um evento que chamou “Grito e cultura”, evento pelo grito e cultura. Que a gente fechou uma rua e nem pediu autorização pra CET, tipo fechou. Um cara que era infláveis, sabe, brinquedos infláveis no bairro. A gente pediu doação de brinquedos e a galera do RAP agitando no microfone. E a partir daí a gente falou “ah, é legal a gente possibilitar outros eventos pra..”, porque a gente gosta, né. A gente também, pensando enquanto artistas, periféricos, a gente não tá no centro da cultura, né, a gente não tá no foco da cultura de São Paulo. Então, a gente precisa começar a mobiliza aqui, já que nós não íamos ser contratados pra atuar em teatros, pra atuar... Então, a gente pensou assim... Então, a gente pensou já que a gente não tá lá vamos fazer acontecer aqui no bairro. Então, a Periferia Preta veio desse encontro de amigos artistas, agitadores culturais, pra gente fazer eventos. É... fazer eventos, fazer proposições de peças de teatro.

Ah, a galera que mais cola com a gente é a molecada, as crianças, né. Então, a gente tem um dia de lazer mesmo, um dia que as crianças podem ocupar a rua de outra maneira. Brincando, ouvindo uma música. Então, foi aí que nasceu o Periferia Preta. A gente está desde o começo, né. Então, a gente foi a partir de uma grande mobilização coletiva. A gente se uniu, era muita gente com muita vontade e a gente fez acontecer!

Nísia CPDOC – Bacana! Tudo isso na Fazenda da Juta? Quantos quilômetros daqui até [a Fazenda da Juta]?

Thaís Periferia Preta – Você indo à direita aqui, uma ou duas quadras você entra já... É que a gente tá na avenida, né, mas entrando pras ruas pra direita já é o bairro, já. Aqui, do ladinho!

Nísia CPDOC – E o “Grito” do?

Thaís Periferia Preta – “Grito e cultura” foi o primeiro evento!

Nísia CPDOC – Em que ano?

Thaís Periferia Preta – Ah, eu sou péssima de ano! A Cássia que é boa de ano! Eu acho, a gente está junto desde 2013, até errei com a Renata falei que era 2015. 2013, eu acho o grito e cultura preta em 2014, 2015, por aí. Eu não sou muito boa de data não! A gente tá indo pra 5ª edição do festival.

Nísia CPDOC – Periferia Preta?

Thaís Periferia Preta – É, Festival Periferia Preta! Tô chutando alto, nem coloca isso que não sei de data, 2013, 2014 por aí!

Nísia CPDOC – Ah, então tá! A coletividade, o nome Periferia Preta ante... a junção de vocês com esse nome antecede o festival ou o festival dá o nome a coletividade?

Thaís Periferia Preta – O festival deu o nome, porque depois do “Grito e cultura” a gente ficou refletindo muito como a gente podia ser diferente, apesar de estar na quebrada, qual o diferencial, o quê... qual era a ausência de valorização de cultura do bairro? E como qualquer outro bairro periférico a maioria das pessoas que ocupam, que moram e que residem são pessoas pretas. Só que o consumo de arte e música, enfim, da periferia é de músicos brancos, sertaneja, da massa. A gente pensou como que a gente, como o festival podia vir contrapor essa lógica. E que os moradores do bairro começaram a enxergar os jovens que moram no bairro como artistas. Então a gente falou assim “ah, focar mais no preto, focar nos artistas pretos”, então a gente foi afinando isso e decidimos ser o nome do festival. Aí depois disso “não, faz mais sentido a gente ser um coletivo” já que a gente tá mobilizado. A... Esse festival acontecer não só hoje, esse festival a gente tá pensando em acontecer pra sempre. E se não for a gente que faça, que sejam os nossos filhos, nossos... que sejam outras pessoas, não é uma coisa só nossa, né, que é... a

gente tá fazendo pro mundo! Então, partiu de... do festival. O festival nomeou essa junção de pessoas!

Thaís Periferia Preta – É, antes de... Nosso primeiro espaço, que a gente fala nosso mesmo, é esse. Tá sendo uma realização de um sonho, um sonho pra além de mim Thaís, para além do indivíduo. É um sonho muito coletivo e a gente tá... tudo tá sendo muito alegre, de pintar, limpar. Ainda falta capinar o jardim. Essas paredes, apesar de não ser a casa nossa, uma casa própria, mas está sendo a realização de um sonho. Porque antes disso a gente ocupou um salão de uma igreja, igreja católica. A gente foi ponto de cultura. É, a partir de uma associação do bairro, a gente pediu o CNPJ emprestado pra ter o ponto de cultura com o nosso nome: Ponto de Cultura Periferia Preta. Inicialmente, era Ponto de Cultura Fazenda da Juta, depois mudou pra Periferia Preta. Só que era um espaço, um salão de uma igreja católica. E vocês sabem, numa igreja, nossos corpos, começou a ter um estranhamento, tipo “aí, quais corpos estavam usando esse espaço”. Tipo, a noite tinha missa, no sábado a noite, e de manhã a gente tava lá discutindo sobre transfobia. Então, a gente começou a ter uns conflitos, uns conflitos, mas pra... não foi um conflito direto, foi mais pra gente perceber que aquele espaço não era um espaço que nossos corpos eram bem-vindos e a gente foi resistindo até que falou assim “ah, a gente não precisa passar por isso”. Tudo bem em não ter espaço, espaço físico, o espaço está em nós e a mobilização tá com a gente. E... Aí desistimos dessa ideia, nos afastamos dessa associação pra seguir o caminho enquanto coletivo e não enquanto associação.

Aí um amigo nosso abriu um bar lá na Juta a gente falou “não, é o ideal”. Bar, unir bar e artista a gente faz, né, cerveja na mesa. Aí a gente começou a ocupar esse bar pra fazer uns eventos, sarau, pra fazer roda de conversa. Era tipo um bar cultural, sabe, um boteco cultural. Só que esse amigo não conseguiu dar conta de pagar todas as contas, de pagar o aluguel e esse bar acabou fechando. E a gente ficou na missão de ter o nosso próprio espaço, pra não depender do outro. A gente escreveu o edital e conseguimos, estamos aqui! A gente tá assegurado por dois anos, né, esse e o próximo e a gente já tá pensando, a cabeça fervilhando de pensar quais são, de como permanecer ou estar em outro espaço considerado nosso daqui um ano e meio.

Nísia CPDOC – Esse foi o primeiro fomento que vocês receberam?

Thaís Periferia Preta – A gente recebeu o VAI primeiro, VAI ano de 2018 pra 2019, a gente tava com VAI.

Nísia CPDOC – VAI 1 ou VAI 2?

Thaís Periferia Preta – VAI 2. E depois a gente pegou o fomento. O VAI 2 foi muito importante pra gente tava sempre... tava com grana né, tava com verba e a gente conseguiu fazer oito ações culturais pelo bairro: a gente fez samba, a gente fez roda de conversa, sarau, cinema, e fizemos a 4ª edição, se não me engano, do festival com o recurso do VAI, do VAI 2.

Nísia CPDOC – Você usa o nome de agitadoras, agitadores culturais. Agitadores tem muito a ver com as mulheres que... eu anotei isso daqui antes de você falar que estava dentro da igreja. Normalmente mulheres das quais estão dentro da igreja e que elas atuavam na comunidade e elas eram chamadas de agitadoras, né, que atuavam juntas das Comunidades Eclesiais de Base. Vocês tiveram influências dessas mulheres do movimento?

Thaís Periferia Preta – Total! Nossa, tipo boa parte. Thiago e Cássia são pessoas que vieram pro bairro depois, né. Mas o restante a gente cresceu no bairro e a Juta ela foi construída, o bairro, pelo movimento de moradia. E os movimentos de moradia são movimentos muito religiosos e a partir daí foi criando as comunidades eclesiais. Na Juta, se não me engano, foram 7 (sete) Comunidades Eclesiais de Base. Então, a gente foi criada nesse lógica de gestão coletiva de... eu lembro quando eu era criança tinha um projeto que chamava “Projeto Sá Velho”, Sá Velho era o nome de um padre. Mas era a mesma lógica que a gente faz hoje: fechar a rua, colocar inflável, brincar com as crianças e colocar a música. Mas quando eu era criança, era pela igreja que tinha essa influência. Acho que a... Tá fazendo sentido agora, que eu não sabia esse nome, porque agitadora cultural a gente veio a estar se entendendo agora, sendo muito sincera. Mas a gente foi criada dentro de igreja, foi criada dentro de... acho que dentro da igreja está para além da religião, acho que a gente foi criada dentro da igreja pela lógica comunitária. A lógica de se organizar em bairros, saber quem é a tia que arrecada doce pra entregar no dia de São Cosme e Damião, pra saber pra quem recorrer se precisar ir pro hospital. A lógica de comunidade, mesmo, né. Acho que a com... base, como é que é? A Comunidade Eclesiais de Base é isso: comunidade de base é a lógica do bairro. Faz todo sentido! Eu participei de uma pastoral da juventude. Eu fiz 5 anos nessa pastoral, tipo... E a pastoral era isso: um monte de jovem junto pensando agitar o bairro! Possibilitar uma festa junina, fazer quermesse. Acho que é a mesma lógica só como o espaço, cada vez mais a onda conservadora tá ocupando todos os lugares, inclusive as Comunidades Eclesiais de Base, a gente já não se entende mais bem-vindos nesses espaços. Então, a gente entendeu, mas a gente respeita totalmente a trajetória no bairro Fazenda da Juta, mas de entender que nossos corpos, presos, LGBT’s não são bem-vindos. A onda conservadora tá tomando conta de tudo, mas de respeitar e de ser fruto dessa trajetória de militância e ocupação que essas comunidades tiveram no bairro, que foram muito essenciais

assim pra construção... Você falando agora me veio várias lembranças, porque eu sou cria, né, pária dessa lógica.

Nísia CPDOC – Pode falar!

Thaís Periferia Preta – Eu sou cria dessa lógica de comunidade! É... Desde creche comunitária, esses... esses centros comunitários, culturais, a pastoral da juventude, isso foi dando... Acho que a pastoral da juventude foi muito importante na minha trajetória porque... pra me... possibilitou enxergar pra além do que o meu corpo estava demarcado, né. Eu, como mulher preta existem marcações do meu corpo, limitações que as pessoas colocam. E a pastoral da juventude possibilitou que eu pudesse estudar, fazer faculdade, fazer... Ah, ir para além do bairro, que todo mundo saiu do bairro pra estudar. Mas a gente volta, a gente fala assim que “o bom é que a gente tem casa pra voltar”, né, a gente estuda e a gente traz de volta, e o Periferia Preta é justamente isso: é o pós sair de casa, como a gente pode vir cheio de bagagem pra trazer de volta pra comunidade o quê que ela nos ofereceu a vida toda.

Nísia CPDOC – E vocês hoje atualmente buscam essa troca com essas mulheres que são referências? Vocês...

Thaís Periferia Preta – A gente tá numa, todo, em todo festival a gente cria um conceito, que é um tema que nos norteia. E ano passado, desse ano a gente tá... é um enigma que a gente tá construindo. Mas ano passado falou da trajetória da vida dos corpos pretos. Desde a infância, a juventude e a velhice, né, adulto, velhice. E a gente fez o seguinte: esse ano quem a gente vai homenagear? Homenagear enquanto imagem, enquanto trajetória. E a gente falou assim a gente vai procurar gente do bairro, quem faz sentido pra gente no bairro. E a pessoa mais velha que representa...

Thaís Periferia Preta – Nísia! Legal que você citou, porque a gente faz tanta coisa que a gente vai se atropelando e esquece às vezes da nossa... dos rastros de quem possibilitou tá aqui hoje. Tipo a Comunidade Eclesial de Base é muito importante pra construção do bairro e pra construção minha, assim, da minha trajetória enquanto pessoa, enquanto artista.

Thaís Periferia Preta – Essa daqui é a dona Madá. A dona Madá ela ficou, como várias mulheres, ela ficou muitos anos pra construir o seu apartamento. Na Juta, o movimento de moradia não é uma construtora que vem. Tem a construtora, mas durante o final de semana as famílias também ajudam na construção, levanta a parede. E a dona Madá representa tantas mulheres que levanta... que deixava seus filhos em casa ou na creche comunitária...

A dona Madá representa essas mulheres que deixava seus filhos durante anos na creche ou deixava em casa pra construir a tão sonhada casa própria. E a gente convidou ela, a gente foi até a casa dela e valou “Madá...”, que ela já conhece a gente desde pequenas, a gente foi falar pra ela e explicar o festival e como que era importante ter a cara dela no bairro, que ela ia representar todas as mulheres, ia representar as pessoas mais velhas do bairro, enfim.

Rodrigo CPDOC – Mutirão!

Thaís Periferia Preta – No mutirão! Ela estava no mutirão. Então, o conceito do festival era justamente isso: a gente valorizar a vida das pessoas pretas periféricas, a continuidade. Ah, nós sabemos que o genocídio tá aí cada vez mais de corpos pretos, corpos trans, mas na contramão disso é a valorização de quem tá vivo, de quem, apesar de todas as violências, ainda está em pé. Tá ainda prosperando vida para os próximos, porque a dona Madá ela faz xarope, ela, enfim, ela é uma representação... faz muito sentido ela estar nesse cartaz! E... acho que é isso! Então, nosso festival é muito... nós não somos estrangeiros no bairro. Pensa a partir do... sempre pensa com o bairro! Nós somos o bairro, né, mas é bom dizer que a gente se comunica com a vizinhança, se comunica é... quando encontramos antes, antes da pandemia a gente andava pelo bairro de dizer “ah, dona Madá a gente tá fazendo tal coisa”. Acendia uma vela e a gente tava escrevendo projeto pro fomento, sabe, coisas assim?

Nísia CPDOC – Qual o momento que você pensa na coletiva e que te traz mais alegria assim? Momento em que pra você é o ápice, que te traz mais alegria?

Thaís Periferia Preta – Ah, pra mim o ápice... O ano passado acho que está mais fresco, eu não sou uma pessoa muito boa em... eu sou uma jovem, uma jovem idosa de memória, mas o ano passado a gente fez o festival, ano passado? É... Em 2019. A gente fez o... íamos fazer em novembro, mas por conta de vários problemas com a Secretaria Municipal de Cultura a gente chegou a fazer em maio. É o mês da falsa abolição, a falsa abolição da escravatura. E a gente convidou Gabriela que é uma travesti conhecidíssima no bairro pra ser apresentadora do festival. Então, eu e a Gabriela a gente pegou o microfone, eu sempre sou a cara de pau que pega o microfone pra falar com a galera, enfim. A gente chamou a Gabriela e ela... A gente tava apresentando, vai, tem o grupo X, vai gente, se comunicando e apresentando o festival. E pra mim foi algo muito icônico que a Gabi pegou aquele microfone e ela resolveu, entre uma apresentação e outra, resolveu conversa com a comunidade assim, conversar com a quebrada, com as pessoas que estavam lá no festival. E ela falou tipo qual era o nome dela, todo mundo que tava ali conhecia porque ela é muito conhecida no bairro. E ela se reafirmou, se apresentou

no bairro e pra mim foi muito potente, e falou assim “o meu nome é Gabriela. Eu sou uma mulher travesti, sou uma travesti, sou uma mulher trans e mereço respeito!” Não estava programado, mas pra mim foi um boom assim eu falei “gente, foi muito incrível que ela se apresentou pra todo mundo”. Apesar de todo mundo conhecer a Gabriela, se fez necessário e a gente foi o canal de encorajamento pra ela também, dela aceitar ser apresentadora e também de se encorajar e se reapresentar pro seu próprio bairro.

Então, não foi alegre pra mim, mas foi tipo “ah, a gente tá indo pelo caminho certo, a gente tá fazendo o babado certo”, sabe? Acho que foi muito curto, muito... não sei a palavra. Muito satisfeita com o que todos os trancos e barrancos que a gente passa de entender que o coletivo faz muito sentido. O coletivo faz sentido para além dos focos que ocupam ele, faz sentido para o território mesmo.

Nísia CPDOC – E a escolha de Periferia Preta e esse recorte interseccional porque vocês trazem a questão LGBTQIA+, vocês trazem a questão da mulher, ou de vocês decidiram, né a partir de um evento no bairro, vocês falaram “ah, não, o nosso recorte é esse, nosso nome é esse”.

Thaís Periferia Preta – Eu acho... A partir mesmo da demanda que o bairro oferece. A partir dos artistas do bairro, das pessoas que moram no bairro, são mulheres pretas, em sua maioria. Essa geração, que vai levando a gente, essa geração quanto tá tomando a frente são os corpos LGBT’s. Mas acho que não teria como ser o contrário, que é o que o bairro oferece, é o que o bairro é. E... Acho que é isso! É o que é, né? Esses dias a gente tava conversando bastante de entender esse espaço aqui como um espaço, o Periferia Preta, o nome do espaço de culturas pretas e periféricas. Mas a gente vai ter um projeto específico sobre LGBT, um projeto específico sobre gênero porque a gente entende que as coisas se... sobre raça, as coisas se transpassam, mas também tem pautas muito específicas. Que a gente também, nós somos poucos, não somos um povo que aborda tudo, né. Que Veroni não é uma pessoa preta, é a única pessoa branca que tem dentro do coletivo. É uma pessoa trans e enquanto pessoa trans é binária, a gente entendeu que não é porque o coletivo o nome Periferia Preta seria só de pessoas pretas. Quais demandas o bairro traz? Questão de gênero, questão LGBT é uma questão muito efervescente e tá muito próxima de nós, o que somos nós, né, e que o bairro tá aí vivenciando. Principalmente vivenciando a parte mais negativa possível de violência, discriminação. A gente entende que o Veroni está somando com a gente pra também o coletivo ter outras frentes, né, ter outras pautas.

Nísia CPDOC – E o corpos pardos? Eu vi no texto que vocês trazem alguns elementos disso, né. Eu vi na... eu dei uma pesquisada no coletivo de vocês que é uma das abordagens.

Thaís Periferia Preta – Corpos pardos são corpos pretos! São corpos embranquecidos, né. Pretos embranquecidos. A gente aborda ainda, você achou aí no texto, a gente aborda porque tem pessoas que se identificam como pessoas pardas ainda, apesar ainda da gente sempre lembrar da discussão de que existem pretos, que não existe “ah, a parte desse tom aqui é preta”. Existem pessoas pretas, existem pessoas com peles mais claras ou peles mais pretas. Mas se a gente usar o termo pardo é porque ainda a sociedade está nessa discussão. O bairro ainda se vê ainda muito resistente assim, muitas pessoas no bairro, principalmente pessoas mais velhas a se assumir como pessoas pretas. Então a gente usa, mas pra entender que todo mundo tá juntas, as pessoas pardas são pessoas pretas. Só precisa de um tempo pra amadurecer. E nós não somos as pessoas que vai amadurecê-las, a pessoa que se entende como pessoa parda ela está junta com a gente. Todos os corpos estão, porque as pessoas brancas periféricas não são as pessoas brancas da ponte pra lá. A gente, por exemplo, mulheres brancas aqui do bairro sofrem violências muito sérias. Lógico, se a gente for coloca na balança, por questão de empregabilidade, questão de muitas coisas que as mulheres negras estão muito mais atrás. Mas o Periferia Preta é o espaço que a gente entende o bairro na complexidade que ele é. O bairro ele não é um bairro totalmente preto. E não é um bairro totalmente... Ele não é igual. Que às vezes a gente entente que a periferia é tudo igual, né, tudo igualzinha. “Ah, as pessoas trabalhadoras, trabalham só com mão de obra”, não! O bairro é tão... A Juta que é o bairro que eu conheço é muito complexo, é muito complexo de possibilidades, de vidas e a gente não anula ninguém! A gente faz todo mundo entender que nós partimos de lugares diferentes e que é isso!

Que eu dei aula pra, antes da pandemia, eu dava aula pra idosas, mulheres idosas do bairro, que são essas mulheres maravilhosas que ergueram o bairro. Quando todas elas entenderem que todas elas são periféricas, elas vão sofrer violência de classe todas iguais. Cada uma tem a sua especificidade, cada uma tem o seu histórico de vida, de coisas boas, de violência, enfim. Então, acho que o Periferia Preta não... Não é porque a palavra preta... a palavra preta vem mais com a questão de valorizar a cultura preta, mas a questão de contrapor o que a massa, a mídia, né, desdiz, como se a coisa preta fosse ruim, a gente diz: “não, a coisa preta é muito boa!” E que todo mundo tenha essa mesmo entendimento. Não sei se me fiz entender?

Nísia CPDOC – Perfeita! Até mais do que eu tinha expectativa! É, então a gente, se a gente pensar, você já trouxe a questão do movimento das moradias, das Comunidades Eclesiais de Base e o movimento negro do bairro como que é a relação de vocês? Tem uma troca? Ou você...

Tháís Periferia Preta – Eu acredito que o bairro atualmente não tem movimentos, não tem frentes. Como eu disse anteriormente, essa onda conservadora atingiu, principalmente, as pessoas dos bairros periféricos, né. Então, não temos frentes, não temos movimentos. A gente é um caldeirão tudo mundo junto e vai entendendo qual a demanda é mais urgente de se falar é... Lógico, tem outras pessoas... O bairro é muito grande, pode ter pessoas fazendo ações que eu desconheça, reunindo pessoas pretas do bairro. Mas eu não conheço ainda. É possível, é possível, mas eu não conheço. Então, que eu acho que o bairro ele... a gente chegou num momento que eu acho que é muito marcante essa onda conservadora: a gente está meio estagnado assim com muita coisa, sabe. É... Então, eu não conheço movimentações é... coisas de alguns coletivos, tem muitos coletivos que fazem ações culturais, tem outros temas, mas o movimento do bairro não. Que eu acho que o coletivo acaba tomando essa frente, acaba sendo o movimento, mas não é o... eu não sei explicar.

Não é um movimento que se reúne pra discutir, só que o cole... por exemplo, tem o coletivo de sound system, vários na Juta. Antes tinha vários finais de semanas tinha o sound system na praça. Só de o grupo reunir vários jovens pretos é na praça e o outro... do bairro olhar pra isso, já muda a lógica, não é necessariamente um movimento que discute negritude. Mas só de tanta gente preta reunida, jovem preto reunido dançando, eu acho que a gente faz... existe outras possibilidades do movi... não é o movimento, existem outras possibilidades do coletivo discutir raça, gênero a partir da ocupação das ruas mesmo. Ah, eu fico confusa, né.

Nísia CPDOC – Não, deu pra entender bem! (Risos).

Tháís Periferia Preta – É cabeça de artista, eu vou... (risos) criam um link, nossa... (risos).

Nísia CPDOC – E... Qual dificuldade nesse momento que você lembra de tristeza? Que vocês tiveram que atravessar no momento?

Tháís Periferia Preta – Olha o... Deixa eu ver se... Não me recordo agora, mas acho que foi na 2ª edição do festival Periferia Preta. Estávamos sem amparo financeiro nenhum, a gente inscrito pro fomento o Periferia Preta já tinha passado é... E eu e Cássia a gente tava... só éramos nós duas a frente, né, nessa época a gente tava... Porque as pessoas tinham outras coisas pra fazer. Que é isso, quando não tem verba as pessoas precisam sobreviver, se alimentar, pagar o aluguel. Então, as pessoas vão fazer outros corres. E a gente tava passando por uma questão de

saúde mental, as pessoas estavam muito abaladas por... sei lá, pelo Brasil. Na época eu estava estudando na escola de teatro estava sendo muito violento comigo, assim. E a gente olhou uma para a cara da outra “a gente não vai conseguir fazer o festival esse ano”, a gente vai dever pro bairro o festival porque não tem, a gente não tem saúde pra correr atrás de dinheiro. A gente não tem saúde pra mobilizar as pessoas, não tem! Não tinha nada de saúde! E a gente fazia parte de um grupo, como a gente faz parte ainda, duas insti... três instituições que é o Polis, Ação Educativa e a Alstra Brasil, que tem o projeto Juventude nas Cidades. São vários coletivos que se reúnem pra discutir direito à cidade, direitos, direitos. E a gente tava nesse coletivo e a gente pediu e falou “gente: o festival não vai acontecer porque a gente não tá no melhor momento, a gente tá passando por “n” necessidades, enfim”. Aí a galera se mobilizou e tipo... **parque**... “eu me apresento, eu faço isso”.

A gente fez uma ocupação, não foi um festival, mas foi um momento que a gente passou... Aconteceu, na maior das possibilidades, mas foi um momento muito difícil da gente se olhar e entender que a gente não tinha pernas, que não tinha possibilidade de fazer o festival acontecer porque a gente tava fragilizada pelo racismo de maneiras muito violentas, de não conseguir. Porque é isso, às vezes a raiva vem como combustível “aí fui violentada”, eu uso a raiva, uso esse sentimento pra fazer. Mas às vezes não, a raiva vem de tão... a raiva não, a violência nos golpeia de uma certa maneira que a gente perde, né, a gente perde as estribeiras, perde caminhos. Acho que foi triste por isso, a gente ficou as duas muito sem saber pra onde... quais as possibilidades de sair daquele sofrimento, daquela dor.

Nísia CPDOC – Bacana, bem significativo! E na pandemia agora, momento atual, como você enxerga? Como vocês estão se organizando e se reinventando?

Thais Periferia Preta – Ah, inicialmente a gente tava nas graças, né, graças a Deus, orixás, a gente tem a possibilidade, do coletivo, as pessoas do coletivo de fazer o isolamento, de ficar em casa. Então, todas nós não tínhamos a obrigatoriedade de trabalhar fora, de conseguir fazer home office e... só que a gente vivi no olho do furacão. Você sabe que Sapopemba é o distrito de São Paulo que mais está tendo óbito de covid-19. E... Como nós somos agitadores a gente não consegue só ficar fazendo home office em casa entendendo que o bairro precisa de outras demandas, né. Então, eu, por exemplo, sou uma pessoa que tô fazendo ajudando o CEDECA que é outra ONG ajudando na distribuição de cestas básicas, fazendo orientação pra população se puder ficar em casa, uso da máscara. No começo a gente estava fazendo essa função. Hoje, entrego cesta básica porque o bairro ele não tem mais, a gente até brinca, não existe pandemia

na Juta, porque ela existe, ela mata. Mas a consciência que ela existe não tem, né. Então, a gente tá nessa função de... eu... da gente fazer essas entregas de cestas básicas, fazendo amparo de famílias que precisam de atenção tanto de alimentação, saúde. E a gente tá voltando agora pra ocupar o espaço e também a gente tá ocupando as redes sociais. Mas a gente entende que as redes sociais não alcançam nosso bairro como um todo. A gente faz um trabalho nas redes sociais, mas acho importantíssimo estar nas ruas e trocando ideia com a galera porque aqui não existe pan... Se você andar tipo, hoje é sexta, sexta-feira daqui... acabou o horário de pico, geral na rua sem máscara. A gente conversa com os amigos, amigos dos amigos, manda um salve “gente, é importante, bá, bá, bá, bá”, mas também a gente tem pouca... A gente tá desgastada com o tempo da pandemia, não dá pra gente ficar nessa contenção o tempo todo e também de... aquela coisa assim, a gente discuti muito, são corpos matáveis, né. Corpos pretos, é mulheres, um monte de gays, lésbicas, travestis são corpos matáveis.

A covid-19 vem como só mais uma possibilidade de morte! A gente reforça a importância só que, saca, se a galera atravessa a cidade pra ir trabalhar todo santo dia e não pode beber uma cerveja no final de semana na frente de casa, no bar, a gente começou a entender que a gente tá muito nessa função “gente, tem que ficar em casa, pelo amor de Deus, vai morrer e lá, lá, lá”. Aí depois a gente foi entender a complexidade disso tudo. Nossa, a covid é só mais um jeito de morrer né, porque o nosso bairro a gente tem duas bases policiais. A violência policial é muito forte. Então, agora ainda, tipo, os moleques tá saindo tipo tá apanhando, tipo, no começo estava mais deserta as ruas, apanhavam mais, tinha mais violência policial. Então, a gente ficou num lugar muito delicado de entender também de qual orientação a gente dá pro nosso território. O nosso território já é exposto a tantas violências e doenças e, enfim, desde sempre. Então, agora nesse momento pra ser muito sincera, eu Thaís, além de coletivo, eu Thaís eu tô no lugar muito de na dúvida: não sei fazer, não sei como orientar o território. Não sei, de verdade, se a cerveja no final de semana é coisa errada, tenho as dúvidas, sabe? A gente tá num momento muito delicado do tipo “ah, a policial tá metendo o pau, a galera tá continuando a trabalhar” pegando o monotrilho, que passa lotadíssimo assim. Lotado, lotado! Então, a gente tá nessa, eu tô nessa não dou bronca em mais ninguém. Vejo quem precisa de comida, quem precisa de suporte, mas essa função que eu tava no começo, que eu sou educadora, né. Sou educadora e tem muita criança e adolescente, já dei aula pra todas as faixas etárias. Então, eu encontro muita gente que me chama de tia Thaís pelo bairro. Se eu vejo sem máscara, eu brigava mesmo. Fala “você está sem máscara, lá, lá, lá”. Hoje em dia não “ah, oi, beleza”.

Nísia CPDOC – Já Muda!

Thaís Periferia Preta – É, já muda porque... a gente tá com quanto? Seis meses de pandemia?

Nísia CPDOC – Seis meses!

Thaís Periferia Preta – Não é... Então, as coisas vão tomando outras proporções. Então... Pode ser que eu esteja até errada, mas é mesmo... só dizer que estou na dúvida, na dúvida mesmo de como ajudar o território que está no olho do furacão desde sempre, não é de agora, não é com a pandemia.

Nísia CPDOC – Thaís: pensando na questão da memória, é... hum... a coletiva pensa na memória?

Thaís Periferia Preta – Pensamos! Ah, hum... A gente tem discutido bastante pra pensar o conceito pro próximo festival e memória é muito presente. Porque a memória é o que nos faz! É como você falou da pastoral da juventude, da comunidade eclesial de base. A memória nos faz.. que nem Sankofa, né, Sankofa olha pra trás, olha pro passado pra projetar o futuro. Então, a gente tá aprendendo muito isso: como que a gente se faz memória, se faz presente, passado e lembrança pra projeção de futuro. Porque... Quem somos hoje? A gente é... se eu tô conversando com você é porque a gente passou tantas coisas pra que fosse possível esse encontro, né. Fosse possível a gente estar se olhando no olho e conversando sobre memória. A gente faz parte... As nossas memórias nos possibilitou, da gente tá aqui hoje. A gente pensa muito nisso. Da memória, do passado, apesar de qual que seja esse passado, porque nem sempre passado são flores, né. Mas ele é, ele é muito presente, o passado está muito agarrado aqui pra gente pensar o futuro. Pensar futuro até pra mudar umas narrativas, pra reforçar outras, coisas que eu passei lá atrás que é muito massa é preciso reforçar para o futuro, pra além de mim, né, pra quem vem depois de mim e o passado também mudar. O quê que não é necessário repassar? O quê não é necessário se fazer presente no futuro?

Nísia CPDOC – E o objeto? O quê você colocaria no museu do futuro? E que representa a coletiva?

Thaís Periferia Preta – A coletiva? Nossa, pergunta difícil, né? Pensando essa ligação da primeira pergunta que você fez com a espiritualidade, porque eu sou uma pessoa espiritualizada, né, eu trataria com tridente de Exu. Exu é o orixá da comunicação, dos caminhos abertos. Exu é o orixá de todas as portas... as chaves de todas as portas do mundo. Eu acho que é isso, o coletivo... acho que o maior desejo nosso é... não é fechar portas, né, é abrir. É na parte da comunicação abrir caminhos, abrir portas para que outros corpos, como os nossos, passem por caminhos, que a gente facilite minimamente caminhos para corpos como os nossos para que

futuros... Ah, para que pessoas pretas, LGBT'S que são crianças hoje, né, pessoas pretas LGBT'S do futuro possam vivenciar o que a gente tá vivenciando hoje como possibilidade pra além. A gente tá lutando... A gente vive pra querer mais, sempre quer mais, nunca é suficiente, a gente tá aí pra lutar por mais. Então, eu acho que seria um tridente de Exu que representa a gente como comunicação, comunicação aberta que a gente possa abrir caminhos e portas abertas pra quem vem atrás de nós.

Nísia CPDOC – Alguém tem alguma pergunta?

Renata CPDOC – Eu tenho, é... Assim, você falou da comunidade eclesial de base, você falou uma série de coisas, da sua ancestralidade, como você encara a sua religiosidade. Que outras referências vocês teriam, você principalmente, sobretudo pra demarcar essa questão de ser preto e preta? Como por exemplo...

Thaís Periferia Preta – A Juta?

Renata CPDOC – ... referências que vocês têm ou de pessoas que a gente, ajudam vocês a... olha, a pensar, refletir as questões. Ou autores, figuras assim que vocês trouxeram com a reflexão comum assim de vocês, sobretudo, nessa questão de ser preta? Exatamente porque vocês trazem “porque preto e não negro?”

Thaís Periferia Preta – Sim! Acho que as referências, primeiramente, pra além das referências conhecidas são as referências de território. É isso, dona Madá, a minha vizinha da frente, é a minha vó, minha mãe. É... As mães das minhas amigas, as minhas companheiras de trabalho que fizeram e possibilitaram que elas tivessem hoje com a gente e comigo começando. E pra além do território, saúdo todas as mulheres pretas do território, desde as mais velhas e as que estão nascendo. É... Pode parecer muito genérico, mas eu vou falar... Mais eu acredito que todas as autoras pretas, eu falo mulheres pretas, todas, não vou saber dizer o nome de todas que eu conheço, eu não vou lembrar agora. Mas acho que todas elas têm a sua importância na trajetória do nosso coletivo e na minha, mesmo que eu não conheça e não saiba o nome delas, mesmo que eu não saiba de onde elas vêm. Porque se, acredito muito que se existe uma autora lá de Guaianases que eu não conheça, lá da sua terra, que eu não conheça mais ela está atuando enquanto autora negra possibilita muitos caminhos pra mim também! Que a gente vai traçando juntos, né, porque a ideia de quilombo é isso: por mais que a gente não se conheça, a gente tá trilhando, a gente tá abrindo caminhos juntas!

Eu não vou ser injusta em dizer nomes porque todas elas têm a sua importância pra minha trajetória e a trajetória de todas as meninas e mulheres pretas! E dizemos preto, porque é

importante dizer pretas e pretos, porque negros foi o nome dado pelos brancos. Negro como não branco, os não brancos, porque existem os negros vermelhos, né, que eram os indígenas, existem os negros vermelhos e os negros pretos, os negros escuros. Foi o nome dados pelos brancos, pelos colonizadores. Então, o preto é a apropriação da palavra, apropriação da identidade da palavra no sentido bom! O preto, como eu falei, o preto não é ruim, preto é bom. Quando a gente fala que a coisa tá preta é que a coisa tá tão maravilhosa, a coisa tá tão espetacular que você não tem ideia, tá muito preto! Então, é trazer e ressignificar a palavra, né.

Então, utilizamos a palavra preta como... pra ressignificar ela como uma coisa boa. Assim como ah amigos meus dizem “não sou gay, sou bicha”. Porque o bicha é usado como pejorativo, forma pejorativa, forma violenta. Não eu sou bicha mesmo. Alguém passa “ah, sua preta”, eu sou mesmo. De usar essas palavras para as pessoas ficarem sem ferramentas de nos violentar pelas palavras, porque a gente “é, eu sou preta, sou sapatão, sou isso, sou gay”. De assumir essas palavras como nossas também, porque a gente pode dar significado para as palavras, a gente pode transformar as palavras em outras.

Nísia CPDOC – Thaís: muito obrigada por essa troca você criou aqui um espaço de alteridade, eu estou saindo modificada com a sua fala, emocionada. Essa coisa da comunidade eclesial de base eu estudo, eu pesquiso e aí vendo você e de como essas comunidades tá ainda presente na história de vida de você ainda com 27 anos e de entender essa questão do legado mesmo, né, vocês trazem isso de forma muito bonita. Muito obrigada!

Thaís Periferia Preta – É que a gente não vai por história, só uma coisa: a gente não começa a história a partir de nós, né. É que nem uma mania de entender de pegou o lápis agora e está começando “era uma vez”, não! A gente tá dando continuidade numa história tão grande assim. Então, pra além de pessoas que a gente conhece, tão pra além... é isso! Tão pra além das nossas famílias, da nossa comunidade... é isso! Que a gente tá criando uma história que vai ser construída por muitas mãos ainda!

ENTREVISTADA:

CÁSSIA GOMES DA SILVA (CÁSSIA CANECO)

TRANSCRIÇÃO:

Cássia Periferia Preta – Meu nome é Cássia Gomes da Silva, tenho 32 anos!

Nísia CPDOC Guaianás – E você é aqui do bairro mesmo?

Cássia Periferia Preta – Agora sim! Eu moro na Fazenda da Juta desde 2013, mas eu sou na verdade de Recife. E aí migrei para São Paulo com quatro anos e morei durante muito tempo da vida, até 2013, na Zona Sul de São Paulo, lá em Parelheiros, aí depois no Grajaú – sempre nos extremos!

Nísia CPDOC Guaianás – Que cidade? É Recife?

Cássia Periferia Preta – Recife, mas na verdade é Olinda. Minha mãe briga comigo porque no nosso registro tem Recife, porque eu morava na divisa. Morava numa quebrada chamada Peixinhos, que tá metade pro lado de Olinda, metade pro lado de Recife. Aí o Hospital fica em Recife. Então, lá no meu RGzinho está escrito Recife! Eu sou do Recife, mas eu nasci em Olinda e minha família é de Olinda!

Nísia CPDOC Guaianás – Aí você tem memória de lá?

Cássia Periferia Preta – Meu, eu vou contar que eu tenho, mas a minha mãe fala que são memórias inventadas. E... veja só, eu tenho uma brisa com esse lance de memória, né. Porque minha família não lembra de muitas coisas, a gente passou por uma série de violências e as pessoas optam por não lembrar de algumas coisas. Só que eu lembro, aí eu não tenho prova de que algumas coisas aconteceram. Então, eu fico meio assim “estou enlouquecendo?” A minha mãe não lembra, ela me desmente o quê que acontece. E estou dizendo isso também porque agora em outubro a gente vai voltar todo mundo pra Recife pela primeira vez pra Olinda, pela primeira vez pra contestar algumas histórias que a gente tem né. A gente vai poder conversar com outros parentes é... Nós estamos aqui – eu vim com quatro – há vinte oito anos! Minha mãe voltou pra lá só e 2015 quando a gente pagou a passagem pra ela. É... Aí foi o ano também que eu tinha voltado pra Peixinhos, né, pra conhecer o pessoal de lá. É... E aí agora, porque a pandemia também as passagens baratearam é... a gente consegue ir a família inteira, dessa vez, então “ah, vamos todo mundo”. Pela primeira vez eu consegui organizar e pagar a passagem pra família inteira, então, vamos todos contestar as memórias, desmentir algumas delas e comprovar outras tantas! E aí onde tiver falhas a gente inventa. Uma série de coisas!

Nísia CPDOC Guaianás – Como que... você sai então da periferia da Zona Sul, primeiro, retirante como eu, né, eu sou sergipana e a gente vem buscando uma vida melhor aqui. Você chega na periferia e sua família se instala na periferia da Zona Sul. E como você veio pra cá pro Sapoemba, pra essa região? É, você vem sozinha? Você vem com sua família?

Cássia Periferia Preta – É... Em 2010 eu prestei Escola Livre de Teatro... Posso voltar um pouquinho antes? Que minha história é assim: não é nem voltar a história, pra complementar

essas migrações, esses fluxos. Quando a gente vem pra São Paulo a gente vem porque a minha família estava passando muitas necessidades é, lá! E meu pai tinha vindo pra São Paulo antes. É... Meu pai não era um cara muito bacana e deixou a gente lá. Então, a gente veio atrás dele, né. É, e moramos um tempo na Zona Sul que era o lugar onde ele tinha se estabelecido e ficamos um bocadinho lá, na região do Grajaú. Só que aí aconteceu uma série de ocupações próximas a Parelheiros, aí meus pais se organizaram e compraram, sabe-se lá de que maneira, um terreninho lá. Eu nunca vi escritura disso! Mas aí eles foram morar lá. A gente ficou dez anos morando no Recanto Campo Belo que é ali próximo de Parelheiros. E nesses dez anos a gente viu uma série de violências, porque até esse momento a gente não morava com meu pai, né. Então, a gente não podia sair de casa, as mulheres, né, não podíamos sair de casa, é... enfim, muitas violências de todos os tipos, de todas as formas que se possa imaginar. E aí o único lugar que a gente podia sair e frequentar com alguma segurança era a escola, nem os amigos a gente podia encontrar na rua. Então, o estudo vai aparecendo nesse lugar assim de uma possibilidade de você poder transpor as fronteiras, impostas, nesse caso mais especificamente, por uma questão de gênero, né, mas tipo meu pai “ahrrr, machista, seu escroto pra caráio”. E também meu pai era um cara branco, branco não tipo como uma pessoa branca, ele era uma pessoa branca má, uma pessoa horrível assim é que cerceou muito das nossas possibilidades na infância!

Então, a gente é... Eu saio num primeiro momento devido a um processo violento, a gente achava que se a gente continuasse lá um tanto mais de tempo a gente morreria. Isso era fato, a gente tinha... o próximo passo isso ia acontecer! Então, é... eu lembro de eu dizer pra minha mãe: “mãe, a gente precisa sair daqui, se não a gente não existe mais. Se você não vier eu levo meus irmãos!” Então, a gente fez a primeira mudança, né, como adulto já, porque eu acho que nesse momento eu dou uma crescadinha assim. É, então a gente sai e vai todo mundo morar no Varginha. Nesse momento é o momento que eu consigo pensar a possibilidade de estudar é mais distante. Então, né, pelo meu pai assim “terminou o ensino médio tá bom, você não precisa fazer outras coisas, não precisa ascender a outros lugares. Tudo que vocês precisam é estar dentro dessa casa”. E a gente passava uma série de dificuldades, se não passasse poderia ser... enfim. Aí eu presto Escola Livre que é aqui em Santo André. Por quê? Porque eu fingia que fazia um cursinho pré-vestibular, quando na verdade eu estava indo pras aulas do vocacional fazer teatro. Eu fiquei um tempo fazendo isso! E conheci a Escola Livre a partir dessas professoras que estavam lá. É... Pra essa Escola Livre em 2010 passo, presto em 2009 não passo,

presto em 2010 passo, entro na Escola Livre e aí, mano, vários problemas assim de locomoção, né, porque eu tava na ponta da Zona Sul pra vir pra Santo André. Não tinha continuação, a linha verde parava em Sacomã. A gente tinha uma dificuldade de fluxo. Eu não tinha dinheiro, era uma série de problemas pra ficar atravessando a cidade o tempo inteiro. Trabalhava distante, então às vezes eu... eu trabalhava na Zona Oeste. Aí eu fazia, né, ia pra Zona Oeste, vinha pra Santo André e voltava pra Zona Sul e dormia três horas por noite. Era um baguio enlouquecedor, então eu decidir vir morar em Santo André que é, ao longo da história eu cortei, eu morei um tempo em Santo André, foi durante meu período de formação na Escola Livre.

E porque estava procurando trabalho quase que no final da formação, conheci Veroni que já morava na Fazenda da Juta, já conhecia a Fazenda da Juta e disse assim “ah, estamos precisando de uma educadora na organização que funciona dessa e dessa maneira”. E contou a história do bairro de maneira apaixonada, de maneira entusiasmada, porque o Eide Veroni é uma das mutirantes da Fazenda da Juta, né. E aí meu Deus do céu você vê isso só uma pessoa que passou dez anos de sua vida trancada dentro de uma casa de dois cômodos conhecer um bairro que as pessoas se ajudam, que as pessoas, né, constroem as coisas de maneira comunitária. Que a força das mulheres pretas assim é um bagulho grandioso! É... Então, foi uma coisa que foi me apaixonando.

Então, eu vim pra trabalhar num primeiro momento e depois eu vim morar aqui e aí a gente começou a construir essas movimentações culturais nesse bairro também! E aqui também a gente começou a fazer... a gente, mas, Thaís e Veroni já estavam nesse processo, né, eu fui me somando a essa luta que já existia. É... Nós escrevemos como mutirantes do movimento de moradia em 2014 e estamos numa luta desde então pra conseguir construir a nossa casa. A gente já tem um terreno e é isso! Muitas coisas!

Nísia CPDOC Guaianás– Vocês têm um terreno pra construir a casa de vocês para as três morarem juntas?

Cássia Periferia Preta – Não morar... É que assim: o movimento de moradia Leste 1 ele funciona há mais tempo que eu existo nessa terra, mas é muito próximo à nossa idade. Ele tem uns 33 anos, 34 anos. É... E ele ajudou a organizar essas famílias que estavam desalentadas num determinado período histórico. Lá nos anos 70, 80 é começou uma série de ocupações aqui na Fazenda da Juta, né. Era uma grande fazenda que tava aí tipo parada servindo pra gerar ganhos

futuros. Especulação que chama. E aí é... enfim, tinha um monte de gente sem casa e as pessoas foram começando a se organizar graças ao movimento de moradia Leste 1, mas também graças as Comunidades Eclesiais de Base, né, a galera tinha uma organização bastante bacana até um tempinho atrás. E aí começaram a pleitear essa terra, começaram a brigar por ela. E lá durante o governo da Erundina conseguiram aporte financeiro para construir essas moradias de maneira é autogestionadas, de maneira comunitária. Então, essas famílias conseguiram escolher desde a planta da casa a onde que elas iriam morar, né, e construíaam juntas. A gente tá falando de construir o sonho na sobrecarga, né, porque são pessoas que trabalham na semana inteira e precisam também funcionar nos finais de semana pra garantir que morem bem. Eu acho que ainda é a única possibilidade que a gente vislumbra, isso há trinta e um tantinhos anos, pelo menos.

Por quê que eu falei disso? Ah, e aí nós... E aí é... O movimento de moradia tem uma sede aqui na Fazenda da Juta e faz inscrições constantes pra aumentar o número de pessoas que estão na luta pra formá-las também, né, porque precisa garantir uma respiração financeira. A gente paga uma inscrição que é tipo o valor de duas conduções assim. É um banguinho pouquíssimo pra organizar pra que as pessoas continuem.

Nísia CPDOC Guaianás – Aqui vai ser a sede do coletivo?

Cássia Periferia Preta – Não, mas ia ser bacana se a gente conseguisse unir essas lutas, pensa só?

Nísia CPDOC Guaianás – E Cássia, como que você é... dessa menina retirante que depois enfrenta a violência doméstica que luta pra poder chegar na ELT, que descobre um bairro que se organiza de maneira comunitária como que você chega no movimento na Periferia Preta?

Cássia Periferia Preta – Acho que eu te contei essa história todinha, grande desse jeito, pra dizer que as políticas públicas são muito importantes e que me salvaram muitas vezes. É... Então, como é que a gente conseguia sobreviver a essas violências, por exemplo, né? Porque existia o passe de ônibus que garantia que eu pudesse pelo menos transitar até a escola. Que eu lembro que era na época do Bilhete Único, a gente ainda passava os passes escolares, coisas do tipo. Depois, a minha mãe teve direito a um saque pelo renda mínima pra garantir a nossa alimentação, uma vez que ela não tinha um companheiro ajudando. E também nem tendo abandonado a família, porque tinha um cara atrapalhando essa criação. Aí você perguntou como é que eu cheguei? Cheguei por causa do vocacional, cheguei porque existia também de novo é... porque existiam os CEU's, porque eu fui conhecer o CEU e conheci lá a possibilidade de

fazer teatro. Eu conheci gente que tava interessada em fazer dança, gente que tava interessada em fazer música, eu conheci pessoas que estavam interessadas em pensar a partir de outras linguagens as suas existências, né. Isso foi me ampliando o mundo e dizendo que eu não era só aquela casa, que eu não era só aquela condição imposta. É... Foi me fazendo considerar outras tantas questões no mundo! E eu acho que é a partir daí que eu chego na Periferia Preta, né, com essa consciência de que é possível pensar mais, de que é possível a gente reclamar mais direitos e de que a gente não precisa se bastar no que nos colocam como condição.

Mas, eu gostaria de dizer também que foi na Perifa... na Juta... E aí é muito mesclado pra mim o que é a Periferia Preta, o que é a Fazenda da Juta, que eu vi a primeira mulher negra num lugar de poder, assim, que é a coordenadora de um projeto. E aí, tipo, esse lugar apareceu como muitas possibilidades, né. E aí eu falo tanto do lance da moradia porque as pessoas começaram, num primeiro momento, assentando esses direitos básicos pra garantir a existência. Então, primeiro, precisava garantir a moradia, depois as pessoas precisavam garantir os hospitais, precisa né, tem os postinhos, precisavam garantir os CCA's pra cuidar da formação das crianças e também dos jovens. Então, a galera foi fazer foi fazer pão, é... fazer pão... tinha oficina de padaria. É... Depois de então, as pessoas que já estavam minimamente formadas que já tinham onde morar, já tinham como se banhar, já tinham como comer elas foram reclamar outras coisas. Que aí eu acho que é quando chega esse movimento cultural muito fortemente, né, que as pessoas estão reclamando agora é a capacidade de uma existência que não é só material, mas simbólica também. Que é a capacidade de construir, de refletir, a capacidade de ser mais! Eu vou ficar pontuando desse jeito (risos).

Nísia CPDOC Guaianás – Maravilha! É... Então, que você está dizendo então que o Periferia Preta é resultado dessa ação comunitária?

Cássia Periferia Preta – Eu acredito! Eu acho que a gente não inventou o Periferia Preta à seis, sete anos atrás, nos nossos encontros chamados “Se encontra”, né, acho que devem ter falado já do “Se encontra”.

Nísia CPDOC Guaianás – Não!

Cássia Periferia Preta – É que o Periferia Preta ele começa assim: com um monte de educadores, de artistas, de produtores culturais e a gente dava aula nos mesmos lugares, nós somos educadoras também! Incomodadas com as nossas representações na cultura, na mídia, com a nossa ausência, né, também. E aí a gente começou a se encontrar pra pensar “ah, precisamos de um espaço cultural aqui”; “precisamos discutir sobre tal e tal pauta”, “precisamos

de movimentos culturais que existam aqui” porque tem muitos equipamentos, por exemplo, que eles são centralizados, né. Então, a partir dessas discussões a gente foi começando a fazer o encontro chamado “Se encontra” todas as quintas-feiras em que a gente ia até o espaço da associação, no bairro, pra discutir quais eram as nossas angústias, quais eram as nossas reflexões e quais os caminhos que a gente encontrava possível dentro das condições que a gente tinha. Foi assim que a gente organizou o primeiro evento chamado “Grito e cultura” e foi assim que, a partir desse “Grito e cultura”, em que a gente foi chamando amigos pra se apresentar e a gente não tinha um real no bolso, que a gente fechou a rua sem autorização da CET fingindo que era a CET que a gente conseguiu ganhar o edital Cultura Viva pra ser um Ponto de Cultura. E aí a gente, né, a partir desse momento que a gente vai conseguindo formalizar e assentar algumas de nossas conquistas, a gente vai ampliando os nossos contatos, né. Acho que a gente conseguir esse espaço agora e vocês chegarem até a gente é uma prova disso. Mas, isso não começou a cinco, seis anos atrás, começou a sete anos atrás. Começou a trinta anos atrás quando as pessoas decidiram se juntar e acreditar no poder da coletividade pra transformar as coisas, pra conquistar direitos e coisas do tipo. Então, não acredito que a gente é... somos movimentos inovadores e coisas do tipo. Acredito que a gente nasceu lá com o movimento Hip-Hop quando disseram que a gente era... que a gente era possível, que a gente era 100% Favela, que a gente era 100% Zona Sul, 100% Zona Leste. É que ao invés da gente ter vergonha do lugar de onde a gente nasceu por conta da violência, da escassez, que a gente era possibilidade, que a gente era criatividade, não num lugar de romantização, né, mas de construção mesmo juntar pela sobrevivência!

Nísia CPDOC Guaianás – O nome Periferia Preta?

Cássia Periferia Preta – Ah, não sei. É... Veja só... Nesses encontros lá no “Se encontra” a gente se encontrava, primeiro, uma vez por semana, depois, muitas vezes na semana e a gente já não..., algumas coisas tenho dificuldade de saber exatamente quando nasceram, né, em... que a gente tava falando inclusive hoje numa reunião que a gente tava tendo agora. A gente já teve com a gente Alin, a gente teve com a gente a galera do jongo de Santo André, do Preta Bandeira, a gente já... a Luana Hansen, a gente já teve a Jule do Bairro. E aí tentando fazer esse retrospecto de quantas pessoas já passaram com nós e quantas deram as suas contribuições, né. O logo, por exemplo, nasceu com uma mana que tá tocando agora o coletivo chamado Pretas Ilustram, que é um coletivo de mulheres pretas da... ilustradoras. E aí eu acho que é muito massa a gente perceber esses caminhos, né. A Periferia Preta, na minha mente, e aí pode ser essas memórias inventadas, nasceu no meio de uma conversa de bar porque era onde a gente costumava se

encontrar, primeiro na associação e depois quando a gente começou a ser mais constante no bar e eu acho que foi o Veroni quem disse, mas quem verbalizou juntou as duas palavras. Mas o que a gente tava pensando, a gente tava considerando Periferia Preta é que a gente queria trazer para o nosso nome, para a nossa marca, para a maneira como a gente se chama esta dimensão de o quê a gente é, é importante! É de valorar mesmo esse lugar que normalmente as pessoas entendem como lugar de margem, de bordas, né. Então, acho que a gente se assumir nesse lugar e a partir de então pensar sua potencialidade. Mas acho que quem deu o nome foi o Veroni, acho!

Nísia CPDOC Guaianás – E essa questão da identidade, né, você se apresenta enquanto mulher preta. Em qual momento que você se identifica, assume essa identidade foi no coletivo, na coletiva?

Cássia Periferia Preta – Vou retomar essa história, a história do pontes, né. É... Eu sempre fui marcada como uma mulher negra, por mais que eu não tivesse vivendo em sociedade o tempo inteiro, e quando eu digo morei numa casa fechadinha, isso é real, tinha dez trancas na porta e a gente não podia sair, né. Então, eu sempre fui marcada pelo que meu pai dizia, né, a diferença entre os irmãos. Ele dizia “você é preta e você faz isso, isso e isso. E você é mais clara e você faz isso, isso e isso”. E isso, desde a infância já nos foi separando entre os irmãos. É, e a maneira de tratamento, a diferença das violências que cada um sofria dentro de casa. Então, eu sempre... eu não me colocava como uma mulher negra, eu fui vista primeiro. Eu fui primeiro identificada e todo um comportamento foi sendo direcionado a mim porque essa leitura foi feita. Essa marcação foi feita. Aí qual que é a importância de chegar na Fazenda da Juta e de começar a construir as reflexões que esse coletivo defende? Porque aqui eu fui vendo que as pessoas pretas poderiam ser potência! Elas não carregavam uma marca, né. Elas podiam ser possibilidade! Elas são diversas. Elas são legais e também não. Elas são incríveis e também não. E também não é só essa lógica binária, né, de legal, não legal, tipo... não. As pessoas são diversas, elas passeiam por essas possibilidades. Então, acho que o coletivo e essa associação a essas pessoas, essa aproximação desses que são meus amigos e minhas amigas, e também companheiros de trabalho, tem a ver com esse processo de... da gente ir se construindo contra a lógica posta, né, mesmo! Então, sim eu me afirmo como uma mulher negra de uma maneira positiva! É... E ativa! Não mais como antes, né, como devesse estar mesmo nas bordas, devesse mesmo se diminuir diante dessas estruturas todas.

Nísia CPDOC Guaianás – Ah, que bacana! Você fala que vocês tiveram uma reunião agora pouco, né. Como que vocês se organizam?

Cássia Periferia Preta – Nós estamos descobrindo como a gente se organiza! Toda vez é diferente! Toda vez é diferente porque a gente tem um núcleo, é isso, né? Desde 2014 a gente se encontra, mas a gente se encontra em formatos diferentes. Então, nesse primeiro momento a gente tinha bastante fôlego e erámos muitas pessoas, de lugares distintos e que tavam querendo muitas coisas. Mas, a gente ainda não sabia o que queria, então cabia tudo! Depois que a gente foi delimitando algumas pessoas foram saindo, foram encontrando seus lugares de luta em outras frentes, com outros grupos. É... E também, acho que a gente tem um núcleo quase fixo que sou eu, Thaís, Veroni, é... o Thiago estava com a gente no começo e aí ficou um tempinho fora e tá voltando agora. É... Então, esse passeio de pessoas pelo o quê é o coletivo Periferia Preta tem impactado de maneiras distintas em nossa organização. Agora a gente está basicamente se encontrando uma vez por semana, todo tempo pra pensar o festival. É... Nos encontramos também as quintas, aí pra tentar é... dar conta dessa casa, de pensar como ela vai ficar mais bonita, de pensar... de cuidar mesmo, de fazer pequenos reparos, é de esperar os móveis chegarem, é... E aí antes de vocês chegarem a gente tava decidindo como é que a gente vai limpar esse espaço, porque tem isso, né. Nós temos um homem nesse grupo, nós temos uma pessoa não binária nesse grupo, nós temos outras três mulheres agora, pretas, que estão, né, que estão tentando entender quais relações que a gente funciona agora. Se a gente tá defendendo que a gente não quer o que tá no mundo, a gente não quer reproduzir essas lógicas, então como é que a gente se organiza. A gente vai fazer tabela? Não, não vamos fazer tabela! A gente vai chegar e vai conversar! Não, também não funcionou conversar porque tem dia que a gente não tá muito afim, tem gente que tá mais bravo, tem gente que não sei o quê lá, então, a gente não tá demorando? Então, todo dia é uma tentativa nova! Acho que é uma relação mesmo, um dia você faz um jantarzinho, aí no outro você faz assim “ah, não deu certo”, vou pedir comida e coisas do tipo! Estamos aí! Nos reinventando, pensando possibilidades!

Nísia CPDOC Guaianás – A priori, vocês se organizavam muito entorno do festival, né? Os trabalhos que eram feitos no decorrer do ano eram entorno do festival? É isso?

Cássia Periferia Preta – Tenho dificuldades de separar algumas coisas, que é isso, nós somos um grupo de amigos e a gente se encontra o tempo inteiro! A gente ficou um tempo sem se encontrar por conta da pandemia, e agora estamos descobrindo maneiras de como é que a gente se cuida pra que a gente não adoça né. É... Mas a gente se vê quase todo o tempo! E nos encontrávamos pra pensar especificamente o festival nos últimos meses do ano. É, durante um tempo foi assim, a gente se encontrava pra pensar o festival no finalzinho do ano com algumas pessoas. Agora a gente tem um espa... Ah, desde o VAI – veja só as políticas públicas de novo

–, aí desde o VAI a gente... e também quando a gente tava com o ponto, a gente conseguia pensar mais tempo junto, mais tempo trabalhando, mais das nossas horas estavam sendo pagas porque a gente fizesse o que a gente gostava. Então, a gente vai criando uma rotina de comer juntos, de organizar as coisas juntos, de pensar juntos, né. Ah... Me perdi na sua pergunta... Eu respondi ela? Não, né?

Nísia CPDOC Guaianás – Respondeu! Como que vocês se organizavam!

Cássia Periferia Preta – Ah bom!

Nísia CPDOC Guaianás – Perfeito! Deixa eu te fazer mais uma pergunta: é... como que você enxerga como o coletivo trata a memória?

Cássia Periferia Preta – A memória de uma maneira geral, a nossa? É a nossa memória?

Nísia CPDOC Guaianás – A memória! A memória da coletividade, a memória... Vocês pensam a memória?

Cássia Periferia Preta – Pensamos! Pensamos de maneiras... Pensamos enquanto individualidades, cada um na sua maneira nas coisas que pesquisa e pensamos coletivamente nas nossas ações como a gente planeja elas, né. Então, dificilmente a gente consegue sentar na frente de uma pessoa que está se propondo a entrevistar a gente e não trazer com a gente todos os acúmulos do território que a gente vive, como também os acúmulos da nossa família e os lugares por onde a gente passou. É, a gente tem tentado registrar isso de algumas maneiras, né, a gente tem apostado muito no audiovisual, mas também a gente tem produzido textos ultimamente, estamos sendo convidadas pra trabalhar em alguns lugares e acho que é um lugar que muito nos toca, mas que a gente ainda precisa melhor, melhor, do meu ponto de vista, trabalhar com maior refinamento, né. Eu acho que isso começa a partir de agora. Agora que a gente assenta, que a gente descansa quase como eu tava dizendo da... do processo de construção da Fazenda da Juta, né. Agora que a gente tem onde estar, que a gente pode pisar num lugar, que a gente tem um teto sobre nós, a gente consegue organizar outras questões! A gente consegue pensar a nossa existência para além dessa fisicalidade, assim, sabe, mesmo. Só que é ela que nos garante que a gente faça isso, então é importante que ela exista também.

Nísia CPDOC Guaianás – Um objeto que você colocaria nesse espaço de memória? Que representa essa coletividade?

Cássia Periferia Preta – Eu não penso em um objeto, ainda! Para fiscalizar isso, para aterrar, botar no mundo. Mas eu penso muito da gente conseguir fazer uma conexão com essa história de luta do movimento de moradia. É... Talvez eu trouxesse a bandeira da Leste 1, porque eu acho importante! Acho que algum momento a gente considerou isso em nosso conceito de

festival sendo construído também pra que a gente considere essa galera que ainda está na luta, né, tipo trinta, quarenta anos depois! É... Inclusive, o terreno que eu tinha falado ele é uma luta de trinta, quarenta anos. É um terreno que fica lá no Belém é que foi ocupado, né, que está sendo ocupado há trinta anos. É... Que as pessoas foram escoraçadas de lá muitas vezes, mas que em 2015 o Haddad passou o termo de posse pro movimento de moradia. Nós que estávamos bastantes pontuadas, conseguimos uma vaga nesse terreno. O quê acontece é que a gente muda de gestão, um bocado das coisas que foram construídas se perdem e aí desde que Dilma foi deposta a gente não tem nenhum... é... nenhum, nenhuma outra casa foi construída pelo Minha Casa, Minha Vida, né, Entidades. A gente tem acesso ao Minha Casa, Minha Vida com essas estruturas e plataformas maravilhosas. E aí... (risos, chegou alguém).

Cássia Periferia Preta – É... Acho que é isso! E a gente tem esse terreno, a gente tem a perspectiva de construir, a gente inclusive precisou ir pra um ato lá na frente da prefeitura de São Paulo há duas semanas atrás, se bem me lembro, pra reclamar que se lance esse projeto, né, o nome do projeto é “Pode Entrar”. Só que a gente não pode entrar na prefeitura, as coisas estão todas fechadas, a gente não pode entrar, né, não pode começar a construir, enfim, a gente está aqui de mãos atadas há um tempo! E é isso, momento eleitoral a gente não vai conseguir que nada seja lançado mesmo.

Nísia CPDOC Guaianás – Deixa eu só te perguntar uma coisa, mais uma, pode ser? Antes que a Renata te pergunte! Qual é a sua referência? O quê você tem de referência, seja intelectual, seja essas mulheres, quais são as suas referências?

Cássia Periferia Preta – É... Uma pessoa que eu gosto muito, muito, muito é a Bell Hooks, que é uma educadora maravilhosa, ela escreve de um jeito maravilhoso. É... E eu tava dizendo esses dias que meu irmão veio morar comigo muito recentemente e eu tenho muitos livros da Bell Hooks e ele disse assim “nossa, a Bell Hooks tem mais espaço na minha casa do que o meu irmão”, é muito doido. E ele começa a descrever logo, né (risos). Gosto da Bell Hooks, gosto muito do Paulo Freire, é, inclusive porque eles conversam, e eu acho que é isso, né, eu gosto deles porque eles conversam, porque eles tão ali. Eu sou uma pessoa muito perdida e quando as pessoas vão conversando assim é tão gostozinho. É... E recentemente, eu tenho muitas pessoas que eu admiro, então eu vou ficar nesses nomes de pessoas grandes pra não cometer grandes, grandes erros, mas eu não gostaria de falar erros, mas esquecimentos, né. Mas eu gosto de uma proposta que muito me instiga que é uma proposta de uma casa chamada “Acervo da Laje” que acontece lá em Salvador. Eu conheci esse ano através de uma amiga chamada Gabriela Gaya, que é professora da UFBA, mas é uma casa, quase como essa, que

quer colocar no mundo, quer propor pro mundo uma nova... um novo jeito de olhar a cidade! Uma casa que se propõe a educar a cidade! Então, ela fica no subúrbio de Salvador, você precisa fazer um caminhão pra conseguir chegar até lá, mas é um museu, um museu com toda a produção periférica. Então, as crianças, né, eles vivem num lugar próximo ao mar que aí na areia vai surgindo uma série de objetos dessas navegações que foram se perdendo, então as crianças acham isso e levam lá. As crianças tem um tio que produz quadros, levam pra esse acervo. Então, é uma maneira do território, né, ir educando, ir educado, transformando e construindo a cidade que se quer!

Nísia CPDOC Guaianás – É você trouxe elementos muito ricos, assim, a sua narrativa é muito bonita e muito envolvente mesmo, de verdade! Eu tô olhando aqui pra ver se esqueci alguma coisa, mas acho que a Rê quer perguntar

Renata CPDOC Guaianás – Eu queria que você comentasse um pouco pra mim então essa questão da moradia, mais especificamente com o grupo de vocês.

Cássia Periferia Preta – É... A minha primeira questão foi como conversar com vocês sem dar spoiler, né, eu tô falando bastante sobre moradia. Essa é uma questão pra mim, que é isso, meus pais foram lá e construíram esse lugar. Minha mãe ficava dia e noite desenhando qual que era o desenho da planta baixa da casa, né. E a gente foi pra sobreviver teve que sair desse lugar, a gente foi expulso desse lugar, né, por uma ordem de violência. É... Então, a gente ficou... Então, eu conheço o que é não ter casa, eu conheço o que é a minha mãe não ter o dinheiro pra pagar o aluguel e ter que sustentar outras três crianças, né, e minha mãe era muito nova também. É... Então, o movimento de moradia aparece como essa possibilidade, da gente reclamar os nossos direitos de maneira coletiva! Gosto! Porque eu disse que poderia estar dando spoiler, porque estamos conquistando esse espaço, a gente tem começado a discutir no Periferia Preta o conceito do nosso festival, que vai viajar muito... viajar, passear, muito por esse lugar de... da casa-corpo, como é que a gente se cuida, como é que a gente se alimenta, é de como é que a gente habita os nossos lugares. A casa também, né, que a gente tá, eu tô aqui falando pra vocês, a casa como esse lugar lírico, maravilhoso, que a gente caminha pra ele, é... mas também, né, tipo a casa é o lugar das violências, né, então tem... a casa é o lugar do cuidado que nos protege das violências externas, mas ela também é o lugar onde algumas violências se aprofundam de maneira muito é... como eu posso dizer... se aprofundam! Por exemplo, pessoas LGBTQa é, nesse momento que precisam retornar pra suas casas, no momento pandêmico, precisam retornar pra suas casas, pessoas quando em transição precisam parar seus processos de transição. Tem pessoas que não têm pra onde voltar. E esse lugar de não ter pra onde voltar é

um bagueio que me desestabiliza assim, né.

É... Então, estamos conversando sobre isso sobre fazer um festival que a gente diga da construção dessa casa, enquanto possibilidade, de uma casa que se propõe a educar a cidade a partir das pessoas que recepcionem, então, aqui, pessoas pretas, pessoas LGBTQa são pessoas é... são bem-vindas, que serão cuidadas! Diferente de como funcionam boa parte dos serviços públicos, né, dos serviços públicos. Aqui as pessoas terão os seus nomes respeitados, por exemplo. Aqui, se as pessoas quiserem tomar um banho elas podem também! A ideia é se as pessoas quiserem almoçar com a gente, inclusive, vocês poderiam, enfim. Elas podem almoçar! E a gente pode ir construindo isso juntas, né! É... Acho que essa... Aí você disse sobre como a gente estar aqui tão próximo ao monotrilho e a relação de como é que a gente vivencia a Fazenda da Juta.

Monotrilho! Uma obra que chega sete anos atrasada, né. A Evaniza, do movimento de moradia, faz uma continha muito boa que ela fala assim: são 20 minutos, né, mudou 20 minutos no nosso trânsito, né. A gente fazia quarenta de ônibus, no ônibus lota, a gente faz vinte de monotrilho. Só que são 20 minutos todos os dias durante sete anos. Vinte minutos de manhã e vinte minutos a tarde. Quanto de vida não é perdido nesse momento, não é? Nesse tempo? Quanto tempo nos foi roubado que a gente poderia estar com os nossos filhos, com os nossos amigos, a gente poderia estar descansando, a gente poderia estar lendo, é o primeiro capítulo do livro mais incrível da vida, mas não estávamos fazendo isso durante esse momento. Ah, ganhamos, ganhamos quarenta minutos daqui pra adiante! E aí uma questão que fica é será que a gente ganhou mesmo né? Porque quanto tempo as pessoas podem permanecer nos seus lugares depois que o lugar se valoriza? É porque se o quê se valoriza é o lugar, as pessoas vão poder continuar nele? Né, porque é isso, a Sapopemba agora, as nossas casas que custavam muito menos com a promessa do monotrilho aumentou o aluguel. Com o monotrilho funcionando, os aluguéis... tem gente passando, né. Com o aumento dos aluguéis as pessoas elas estão de novo empurradas para outras bordas, né. Então, a gente recebe o monotrilho, Thaís e Veroni até fizeram, assim que a estação começou a funcionar, fizeram uma dancinha na frente da estação funcionando. Que é isso, em tese nossos amigos podem nos visitar, a gente tá na beira da Sapopemba aqui, então, as pessoas podem vir a qualquer evento futuro nosso vão descer na porta, e a gente está super, estamos mais abertos ao mundo. Mas por quanto tempo? Quanto tempo a gente vai conseguir pagar esse aluguel? É... Será que tudo vai virar Drogasil? Né, porque a Drogasil já

está com o espaço dela grandíssimo. Não sei se a gente vai conseguir pagar as coisas por tanto tempo. Então, é uma mistura de felicidade uou ganhamos transporte, tem ciclovias.

É... a própria maneira que o monotrilho se implementa, se impõe no lugar é uma maneira muito apaixonante assim. Porque antes dele funcionar vieram às ciclovias aí depois veio o jardim. Quando o jardim estava funcionando e as fotos bonitas daquele monotrilho... é... tratado, tâ, rã, rã, começaram aparecer, começara a construir, nesse imaginário, veio o monotrilho. Depois que os monotrilhos, que o monotrilho veio, a gente começava a descer nas estações porque elas foram começando a funcionar uma a uma, né, ou pelo menos por trechos, a gente começou a receber aqueles papéis com plantas baixas! De novo, não a da minha mãe, né, mas plantas baixas de prédios imensos que vão começar a tomar esse lugar. Então, a gente ficou pensando “meu Deus, o que será desse nosso lugar que a gente tá construindo agora com tanta vontade nos próximos 5 anos?” Porque a Vila Prudente mudou em dez, né. Como serão? Quem vai morar aqui? Pra quem são essas estações? E pra onde é que a gente vai? Então, essa é uma questão de como é que a gente se relaciona!

Fazenda da Juta: incrível, eu gosto, melhor lugar do mundo! Adoro convidar as pessoas pra ir pra lá, gosto de pensar festas, gosto de pensar churrasco, porque as pessoas na Fazenda da Juta, e eu falo muito da Fazenda da Juta, mas quando a gente escreve projeto a gente não faz isso, não comete esse bairrismo. Porque eu tenho certeza de que em outros lugares existe essa mesma lógica, né, é isso. Eu não acredito em movimentos unos, revolucionários sozinhos. As coisas vão se construindo ao mesmo tempo e vão sendo elaborações, né, tá tudo no ar e a gente vai catando e construindo junto! Então, a gente fala muito da Fazenda da Juta porque é o lugar que a gente conhece, mas existem outros. Na Zona Sul tem outros, eu só não morei nele, mas existe, né. Ou ele tava funcionando do lado de fora da minha casa e eu não podia sair. É... Então, o lugar, né, qual que é a importância da Fazenda da Juta, nós moramos todas lá, exceto a Adriana que mora em outro lugar. É... É porque na Fazenda da Juta a casa, as calçadas, as lajes, os quintais tem valor de uso e não valor de troca! As casas não têm preço, por enquanto! Aí a gente briga muito pra sustentar esse lugar o máximo possível.

Nísia CPDOC Guaianás – Eu quero muito agradecer, falar que foi um prazer ouvir vocês, suas histórias colocaram. E é isso, é um prazer de verdade, obrigado pela generosidade de como você tratou a gente!

